

Na Ponta do Lápis

ano VIII – número 20
Julho de 2012

Onde vivo e o
que em mim vive



COORDENAÇÃO TÉCNICA
Centro de Estudos e Pesquisas em Educação,
Cultura e Ação Comunitária – CENPEC

CRÉDITOS DA PUBLICAÇÃO

Coordenação
Sônia Madi

Texto e edição
Luiz Henrique Gurgel
Maria Aparecida Laginestra
Regina Andrade Clara

Revisão
Rosania Mazzuchelli
e Mineo Takatama

Edição de arte
Criss de Paulo e Walter Mazzuchelli

Ilustrações
Criss de Paulo

Editoração
AGWM Editora e Produções Editoriais

Tiragem
145 mil exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Contato com a redação
Rua Minas Gerais, 228 – São Paulo – SP
CEP 01244-010
Telefone: 0800-7719310
e-mail: escrevendofuturo@cenpec.org.br
www.escrevendofuturo.org.br

INICIATIVA



[...] Falamos em ler e pensamos apenas nos livros.
Mas a ideia de leitura aplica-se a um vasto universo.
Nós lemos emoções nos rostos, lemos os sinais
climáticos nas nuvens, lemos o chão, lemos o Mundo,
lemos a Vida. Tudo pode ser página. Depende apenas
da intenção de descoberta do nosso olhar.

Mia Couto

	editorial O lugar onde vivo: os muitos e o único Brasil	4
	entrevista Humberto Werneck Conversa da boa	6
	o lugar onde vivo Um dedo de prosa sobre o tema	12
	especial O trabalho com pesquisa na escola: em busca da autoria do aluno-pesquisador	17
	página literária Claudia Lage O meu professor de literatura	22
	tirando de letra Narrar a experiência	24
	reportagem Em busca do menino antigo	28
	de olho na prática Poema vai, poema vem	32
	óculos de leitura Lendo (n)o mundo dos textos	36

O lugar onde vivo: os muitos e o único Brasil

Sempre que se aproxima o período de envio de textos da Olimpíada, uma infinidade de imagens, nomes de cidades e regiões do país passam pela cabeça das pessoas que conduzem o dia a dia do projeto. E isso não ocorre apenas nas equipes que estão na Fundação Itaú Social, no MEC ou no Cenpec, mas também na nossa “rede de ancoragem”: as equipes das Undimes e dos representantes do Consed em cada Estado, responsáveis por espalhar a Olimpíada e as ações de formação de professores. Isso tudo faz pensar que somos muitos Brasis e ao mesmo tempo um único Brasil, com uma língua que nos une e que nos dá identidade, mesmo com tantas peculiaridades regionais. Como se disséssemos: somos diferentes, mas somos os mesmos. E um exemplo dessa aparente contradição são os milhões de textos produzidos pelos estudantes participantes. Poderíamos imaginá-los como uma imensa e descomunal colcha de retalhos que forma o Brasil. Os textos são uma prova viva da nossa diversidade na unidade, já que trazem sonhos e olhares sobre o lugar em que se vive, lugar que dá sentido à existência, mas que ao mesmo tempo deixa transparecer que se está dentro de um contexto maior que é o próprio país. Por isso é sempre bom poder reafirmar o quanto o tema – “O lugar onde vivo” – é oportuno para o trabalho com os nossos estudantes. É uma chance de olhar e refletir sobre o próprio “rincão”, sem perder de vista essa terra chamada Brasil.

E essa questão do lugar em que se vive é objeto de análise e de sugestões da professora Ana Maria de Carvalho Luz, da Universidade Federal da Bahia, em artigo escrito especialmente para esta edição. Ela fala das múltiplas possibilidades que o tema permite abordar; da infinidade de olhares e de sentimentos despertados aos diálogos que permite realizar entre atores distintos e situações diversas.

■ **Vinte vezes Na Ponta do Lápis**

Chegamos à vigésima edição! São sete anos de trabalho, desde 2005, em companhia de milhares de professores de língua portuguesa de todo o país. Sentimo-nos parceiros em suas atividades em sala de aula, levando as mais recentes novidades e pesquisas de quem trabalha com o aprendizado da língua e da escrita. Foram artigos, entrevistas, propostas de atividades e reportagens que colocaram nossos professores em contato com especialistas brasileiros e estrangeiros de renome.

Também pudemos manter o diálogo com esses educadores, compartilhar ideias, fazer pontes e criar vínculos, por meio das práticas e das ricas experiências em suas escolas, relatadas tantas vezes em nossas páginas e que serviram para inspirar outros professores. Todos os meios de comunicação da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* – entre os quais está a revista *Na Ponta do Lápis* – têm, de fato, a preocupação de realizar a construção coletiva do conhecimento, e essa é uma das marcas do nosso projeto.

Por isso saudamos essa parceria que coloca a língua portuguesa no centro das nossas atenções, na razão de ser de um trabalho. E não se trata de mitificá-la, mas de lembrar que é ela que nos distingue no mundo.

■ O que vai encontrar por aqui

A variedade é uma das marcas desta edição. De alguma forma, todos os gêneros de texto da Olimpíada estão contemplados nela. A crônica aparece na entrevista com o jornalista e escritor mineiro Humberto Werneck. Ele fala de livros, do “ser cronista” e ainda oferece dicas para o professor que está trabalhando com o gênero.

E, se o artigo de opinião não é abordado diretamente, o texto das professoras Jacqueline Peixoto Barbosa e Cristiane Cagnoto Mori, da PUC-SP, propõe transformar o aluno em pesquisador e investigador – quesito fundamental para aprender a se colocar e opinar – e não apenas naquele estudante que só sabe usar os recursos do “recortar e colar da internet”.

A poeta e educadora Selma Maria Kwasne traz ideias de como se trabalhar com o repente, a partir da brincadeira realizada entre um poeta brasileiro e um português. Poesia e memória também estão presentes numa reportagem especial: fomos a Itabira, Minas Gerais, buscar vestígios de um dos maiores poetas da língua portuguesa: Carlos Drummond de Andrade.

Já Maria Tereza Cardia aborda a importância do relato de prática dos professores para o desenvolvimento da sequência didática.

Por fim, mais dois textos para dar o que pensar. O primeiro é um artigo do professor Luiz Percival Leme Britto, da Universidade Federal do Oeste do Pará, em que ele lança questões sobre as “formas de ler e fazer os textos da Olimpíada”. E na “Página literária” um delicioso texto de Claudia Lage sobre a reviravolta na vida de um professor de literatura.

Desejamos bom período de descanso em julho e boa leitura!

humberto
werneck

Conversa da boa

Os tribunais podem ter perdido um “nobre causídico”, como eram chamados os advogados. Em compensação, o jornalismo ganhou o cronista que uma vez por semana prende a atenção de leitores de *O Estado de S. Paulo* com uma boa história. **Humberto Werneck**, mineiro não praticante, já que vive há quarenta anos em São Paulo, recebeu a equipe da revista em sua casa para uma entrevista. Estouramos o tempo, para nossa alegria, e o bate-papo durou mais de três horas. A crônica foi o assunto principal, mas ele também falou de sua história de vida e dos contatos que manteve com grandes escritores brasileiros. Ainda deu dicas para professores que vão trabalhar com o gênero. Seu mais recente livro, *Esse inferno vai acabar*, lançado em 2011, pela Arquipélago Editorial, é finalista do Prêmio Portugal Telecom de Literatura, na categoria conto e crônica. Leia o melhor da conversa.

Luiz Henrique Gurgel
Cida Laginestra

■ O que é crônica?

Eu não consigo definir crônica. Tem a famosa história do Rubem Braga, que vocês estão cansados de conhecer: o que não é crônica? É mais fácil definir a crônica pelo que ela não é: um texto empostado, não é uma crônica; um texto solene, não é uma crônica; um texto doutoral, não é uma crônica; um texto mal-humorado, sisudo, não é uma crônica. Eu vejo a crônica como uma boa conversa.

Há uma diferença muito grande em relação a outras produções que saem em revistas e jornais e às vezes se passam por crônica. São chamadas de crônicas hoje coisas que, na verdade, são editoriais, comentários sobre um fato da atualidade. Tudo bem, eu não tenho nada contra esses gêneros. Eu leio com proveito. O cronista é meu cúmplice, um cara que está sentado comigo no meio-fio. O Antonio Candido, que, como vocês sabem, é o autor que escreveu a melhor coisa sobre crônica, chamou-a de “conversa aparentemente fiada”, que tem, ao mesmo tempo, leveza e substância.

■ Crônica e jornalismo tem uma ligação umbilical?

Eu não vejo assim. O jornal e a revista são hospedeiros da crônica. A crônica nasceu, dentro do jornal, na França. Chegou ao Brasil em 1852, pelas mãos do Francisco Otaviano – poeta que passou pela vida em brancas nuvens –, que inaugurou no Rio de Janeiro, no *Jornal do Comércio*, a seção “A Semana”.



Marcia Mimilio

Depois, vieram José de Alencar, Machado de Assis e vários outros. Isso, que era folhetim, passou a ser chamado de crônica. Na época do Machado eram textos enormes. Os jornais não tinham muito que publicar. Com a modernização, o espaço da crônica foi diminuindo, virou aquelas duas laudas, escritas pelas circunstâncias. Na minha adolescência havia uma revista, *Manchete*, que publicava quatro crônicas toda semana: Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Henrique Pongetti; você comprava a revista concorrente, *O Cruzeiro*, e lá estavam Rachel de Queiroz, Gilberto Freire. Carlos Drummond de Andrade, no *Correio da Manhã*, depois no *Jornal do Brasil*. O maravilhoso Antônio Maria, que ainda não foi descoberto, em *O Jornal e Última Hora*. Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues, Manuel Bandeira, Carlos Heitor Cony, no *Correio da Manhã*. E tantos outros, ótimos conversadores.

■ Você é do tipo que "garra" na conversa?

O bate-papo é uma arte. Eu tive o privilégio de conviver com dois grandes bateadores de papo, insuperáveis: Otto Lara Resende, uma pessoa adorável, generosa. O papo dele era uma coisa hipnótica. Não conseguia parar. O outro cara é Antonio Candido, um grande conversador. Um tipo de gente que desapareceu – o chamado homem de letras, aquele cara que tinha um saber humanístico em várias áreas.

■ De onde vêm as histórias para suas crônicas?

Eu sou um cronista limitado. Venho do conto. Sempre achei que as pessoas se interessam por gente e história de gente. Raras vezes faço dissertação sobre alguma coisa, uma explicação, defendendo uma pequena tese. Gosto muito da historinha, do humor, da situação urbana, de colocar todos os sentidos para captar os absurdos do cotidiano. Eu não queria advogar, de jeito nenhum [Werneck graduou-se em direito]. Para escapar da

pressão familiar, refugiei-me no jornalismo. O Murilo Rubião me levou para o *Suplemento Literário* [de Minas Gerais], uma oportunidade incomparável. Tive a sorte de, no começo da minha vida jornalística aqui em São Paulo, nos anos 1970, trabalhar no *Jornal da Tarde*, que dava importância muito grande aos aspectos estéticos do texto, se reescrevia muito.

■ Existe fórmula para escrever crônica?

Provavelmente, sim. Mas não deve ser grande coisa. Manuel Bandeira falou que o Rubem Braga quando tem assunto é muito bom; quando não tem, é espetacular. Não estou me comparando, mas ontem mesmo escrevi uma crônica sobre coisas que não têm nome. Segundo Antônio Houaiss, a língua portuguesa têm 400.000 palavras. Será que a cada coisa corresponde uma palavra? Tudo o que você vê de concreto e de abstrato tem um nome? Palavra puxa palavra, um assunto leva a outro. O fio é sempre contínuo. Você agarra o leitor na primeira linha e o prende até o ponto final. É o papel da sedução, a arte do texto jornalístico. Numa crônica, um texto ao mesmo tempo substancioso e saboroso, conta muito a verve. Digo sempre que devíamos adotar como santa padroeira a Sherazade, das *Mil e uma noites* – aquela moça que salvou seu pescoço graças ao poder de sedução das histórias que, ao longo de todas as noites, contava ao sultão. Nem tanto pelas histórias que contava, mas pelo modo de contar. Se o leitor me abandona no meio do texto, está me decapitando.

■ Vem da infância seu interesse pela leitura e escrita? Como tudo começou?

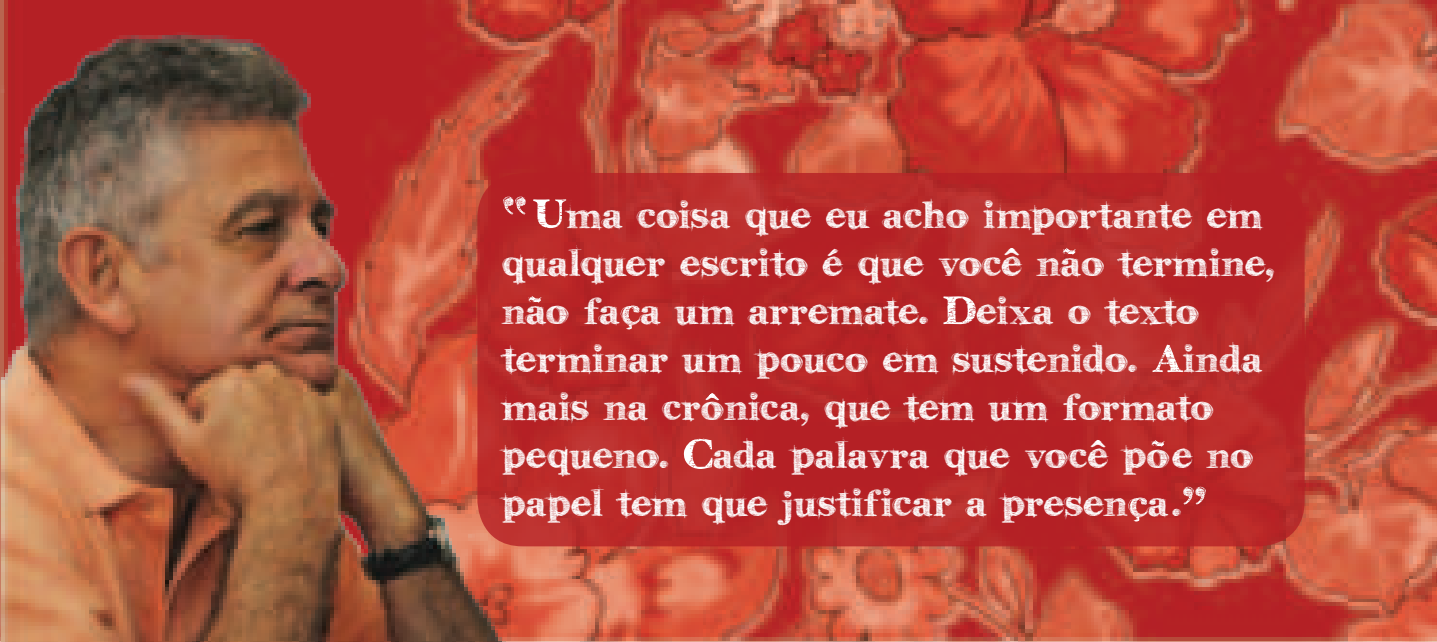
Cresci numa casa cheia de livros. Meus pais não eram especialmente ligados em literatura, mas achavam que tinham que prover os filhos de boa literatura. Quando tinha 12 anos, eles compraram aquela coleção da Jackson – 31 volumes encadernados do Machado de Assis. Eu atravessei feito um cupim, assimilando pouco, mas eu lia. Estudei numa escola primária excepcional. Aprendi francês no terceiro ano primário, ouvia sonata de Beethoven na sala de aula. Sempre gostei de livros. De dois em dois dias, ia à biblioteca pública,

na Praça da Liberdade [em Belo Horizonte], lia na praça mesmo, feito um avestruz. Aos 12 anos descobri um livro que na minha formação foi fundamental: *O encontro marcado*, de Fernando Sabino. Toda vez que procurei esse livro, achei alguma coisa. As citações de escritores que encontrei – Vladimir Maikóvski, Mário de Andrade, Pablo Neruda –, pesquisei na biblioteca. O meu exemplar de *O encontro marcado* é repleto de anotações. Tenho uma crônica em que conto porque não me tornei um grande escritor. Aprendi muito com Fernando Sabino, mestre absoluto em contar uma história com o mínimo.

■ E o seu primeiro livro?

Murilo Rubião pediu meus contos e disse: “Você vai ter que estreiar em livro”, mas, quando ele colocou na gráfica da Imprensa Oficial de Minas, pensei: “Que vergonha, meu Deus!”, não estava inteiro na literatura. Acho que quando você entra na literatura é para valer, para se esborrachar, para dar um tiro em si mesmo, como fez o Pedro Nava. Tirei o livro da gráfica e o deixei décadas na gaveta. A literatura não perdeu nada, mas eu perdi tudo. Retomei só muito mais tarde.

Vou contar para vocês uma história, que está no livro *O espalhador de passarinhos*. Tive uma relação ruim com meu pai durante boa parte da vida. Um colega me pediu uma crônica para a revista *Globo Rural*. Eu expliquei que era um cara urbano. Então, eu contei uma história em que o meu pai pegava passarinhos de um lugar com fartura e os soltava num lugar onde eles já estivessem extintos ou em extinção. Sentei e escrevi a história. Sem saber o que estava fazendo, eu estava resolvendo uma grave questão. Quando a revista saiu, eu mandei para o meu pai. “Olha, é sobre mim!” Ele ficou maravilhado, enquadrou o texto, pôs na parede. Nesse momento, sem querer, eu tinha resolvido essa questão. Um escritor resolve as questões da vida escrevendo. Você não vai arranhar a superfície da história com sua passagem, mas há uma enorme alegria no momento em que você percebe que, ao escrever, você puxou, esticou – naquele instante – o seu fio até o limite possível.



Marcia Minillo

“Uma coisa que eu acho importante em qualquer escrito é que você não termine, não faça um arremate. Deixa o texto terminar um pouco em suspenso. Ainda mais na crônica, que tem um formato pequeno. Cada palavra que você põe no papel tem que justificar a presença.”

■ E ler o seu texto publicado, como é?

É um horror! Na crônica da semana passada faltou uma coisinha em uma frase. É como se a frase anterior me pedisse algo que eu não escrevi. Você acha que nenhuma pereba vai escapar. Escapa. Depois eu leio em voz alta. Aí, começo a perceber o ritmo, uma frase que acabou antes do que deveria, ou uma rima, ou um cacófono. Quem me ensinou, de maneira radical, a ser exigente com a estética da língua foi Otto Lara Resende. Ele leu os originais do meu livro. Leu página por página, foi anotando, circundando a lápis, às vezes comentava do lado e fazia digressões. Esse exemplar vale ouro! Uma vez perguntei ao João Cabral de Melo Neto como ele sabia que o poema estava pronto. Ele falou que você ouve um clique como se um estojo fechasse.

■ Como escritor e cronista, que sugestões daria aos professores que vão trabalhar crônica em sala de aula?

Vou lembrar alguns truques. Não se deixar levar pela grandiloquência, pelo didatismo. Você tem que colocar no papel, em vez de ficar reprimindo. Até para você falar: “Aqui está ruinzinho, mas eu posso melhorar se eu fizer isso e aquilo”. Na juventude, pensamos que a literatura depende da inspiração, uma espécie de chama de Pentecostes que vai pousar na sua cabeça. Não é. Pode até dar a impressão de que o texto foi escrito com extrema naturalidade. É trabalho mesmo, uma naturalidade conquistada. Outro truque é cuidar do começo. Os melhores livros

de literatura começam no meio da história, com o bonde andando. Você joga o leitor na fogueira. Deixa o leitor meio desconcertado, com dificuldade de se situar. Tem um começo que eu sei de cor: “Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo”. É a primeira frase do romance *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez. Pã! Você já caiu no meio da história que depois o autor vai contar.

Uma coisa que eu acho importante em qualquer escrito é que você não termine, não faça um arremate. Deixa o texto terminar um pouco em suspenso. Ainda mais na crônica, que tem um formato pequeno. Cada palavra que você põe no papel tem que justificar a presença. Tudo o que não seja essencial você tira. O texto deve ter todas as palavras de que ele precisa, nem mais nem menos. Em *Grande sertão: Veredas*, que é um livro de quinhentas páginas, ele precisa de todas aquelas palavras. Todas. Você não pode mudar a forma ali, sob pena de virar outro livro. Deixa o texto dormir e faz a carpintaria, aplina os excessos. Na minha experiência, nunca vi um texto que bem cortado ficasse pior.

■ E você tem o livro *O pai dos burros – Dicionário de lugares-comuns e frases feitas*, que é justamente uma coleção de clichês espalhados por aí.

Sempre fui preocupado com a eficiência da linguagem. É preciso evitar expressões que, de tão batidas, perderam o sentido. O papel

“Sem cair no exotismo, você pode ser original. Aí, vai muito de leitura. E não é qualquer leitura. Ler poesia é fundamental. As metáforas, os significados são desconcentrados. Custou-me assimilar a leitura de João Cabral de Melo Neto. Eu estava com séculos de parnasianismo. Ele fala o máximo de coisas com o mínimo.”

do jornalista é mostrar o novo, e não tem cabimento tentar dizer o novo com linguagem velha. Sobretudo o uso de determinadas palavras, adjetivos, fora do contexto. Sem cair no exotismo, você pode ser original. Aí, vai muito de leitura. E não é qualquer leitura. Ler poesia é fundamental. As metáforas, os significados são desconcentrados. Custou-me assimilar a leitura de João Cabral de Melo Neto. Eu estava com séculos de parnasianismo. Ele fala o máximo de coisas com o mínimo. Em *O cão sem plumas*, ele fala do rio passando – o Beberibe e o Capibaribe –, chegando a Recife e passando por aqueles casarões que pertenceram aos grandes usineiros. Ele chama essas casas de palácios, o que já dá uma ideia de realeza que é muito ligada ao poder econômico daquela gente. Ele quer descrever o estado de ruína física dos prédios. Olha o adjetivo que ele usa: “palácios cariados”. Tem milhões de sentidos. Desde os dentes daqueles caras que mordiam, no sentido de poder autoritário, à cárie ligada ao consumo de açúcar. Cria um efeito, customiza, joga de um universo para outro.

■ Belo Horizonte é o tema de seu próximo livro, para o público infantojuvenil.

É sua primeira experiência no gênero?

Pela primeira vez vou escrever infantojuvenil. Não é ficção. É um livro que vai sair numa coleção chamada “Memória e história”, pela Companhia das Letras. Eu costumo dizer que sou um mineiro não praticante, mas cada vez mais solicitado a “mineirar”. Minha história tem a ver com Minas Gerais.

Meu avô paterno, um médico carioca que foi para Belo Horizonte quando tudo começava e acompanhou o primeiro surto de desenvolvimento da cidade, participou da fundação do jornal, do banco, da faculdade de medicina. Depois, a cidade só foi andar na era do prefeito furacão: Juscelino Kubitschek. Nasci ali, na prefeitura do Juscelino, no segundo surto de desenvolvimento da cidade. Eu acho que é a minha história, pode ser superinteressante para as crianças, sobretudo as de Belo Horizonte, por ter o mesmo encantamento que tem para mim o Pedro Nava escrevendo sobre a Belo Horizonte dos anos 1920.

■ E o livro *Praia de mineiro – O botequim na vida de Belo Horizonte*?

Está previsto para este ano. É uma crônica mesmo, mais descosturada que *Desatino da rapaziada*. O botequim é um espaço por excelência da vida social em Belo Horizonte para onde os jovens correm porque não têm uma praia para ir, tem um abafamento que perdura. Minas Gerais tinha uma característica geográfica: montanhosa. Um lugar cheio de religiosidade, com todas aquelas coisas católicas mineiras. Hoje eu tenho outra relação com a cidade. Belo Horizonte melhorou depois que eu saí. É pura verdade!



twitter oral

O mote é lançado e Humberto Werneck responde em poucos “toques”.

crônica ou reportagem?

Crônica, trabalho artesanal, corpo a corpo com a palavra.

uma crônica.

Aula de inglês,
de Rubem Braga.

dos cinco sentidos do cronista, o principal é...

Visão

ser cronista é ser mineiro?

Não. É uma coisa muito mais carioca.

boa história não contada

A morte de Pedro Nava.

anotações do caderno de repórter

Tem pessoas que a gente sabe que estão indo, tem pessoas que a gente sabe que estão voltando.

livro eletrônico, blog, facebook ou twitter?

Livro de papel.

clássico da nossa literatura injustiçado

A menina morta,
de Cornélio Pena.

Um dedo de prosa sobre o tema

Professora da Universidade Federal da Bahia fala do tema da Olimpíada e apresenta sugestões sobre como abordá-lo em cada um dos gêneros do projeto.

Ana Maria de Carvalho Luz

Simple, direta e aparentemente despreziosa, a formulação do tema da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* – “O lugar onde vivo” – revela grande poder heurístico, por ser capaz de gerar múltiplas possibilidades de abordagem e, sobretudo, uma mudança no olhar de professores e alunos sobre o seu entorno.

No momento em que escrevo, verifico que 143.957 professores aderiram à proposta da Olimpíada¹. Isso significa, num cálculo aproximado, que, no mínimo, 4.318.710 alunos

(considerando-se uma média de 30 alunos por professor) estão participando de oficinas para a produção de textos com esse tema. Além dos números alcançados – sem dúvida, representativos de nosso país continental – o que isso significa? Quais nuances do impacto desse tema podem ser imaginadas?

São muitos e muitos os lugares que estão sendo olhados por quem vive e curte as dores e as delícias de viver onde vive. São cidades grandes, cidades pequenas, distritos, povoados, incluindo áreas urbanas e rurais, litorâneas ou não, o que compõe, no conjunto, um rico caleidoscópio de lugares do Brasil.

São muitos também os olhares de crianças e adolescentes – e de seus professores – que se estão fazendo estrangeiros para ver mais e melhor o seu entorno. Para descobrir

1. Dados obtidos em 15/6/2012 no site da Olimpíada: <www.escrevendoofuturo.org.br>.

Ana Maria de Carvalho Luz é professora de língua portuguesa da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



o existente, embora, às vezes, encoberto ou empanado pelo hábito de tanto olhar sem muito ver... Sobretudo, olhares ainda não contaminados por visões estereotipadas ou comprometidas com algum interesse que não o de olhar, ver e sentir o seu lugar.

Múltiplos ainda são os sentimentos e as sensações que estão sendo despertados – porque nunca expressos – ou inaugurados – porque nascidos do poder de provocação do tema. Em cada olhar, uma sensação que se configura em sentimento novo, disparado pela proposta de tema. Não necessariamente de amor ou admiração, mas, sobretudo, de pertencimento a um lugar “para chamar de seu”.

Finalmente, são incontáveis os diálogos. Pois não basta apenas olhar e ver, mas urge trocar olhares e visões com outros viventes do mesmo lugar. Assim, o tema engendra a necessidade de diálogos que cruzem e confrontem diversificados olhares. Para isso, não basta contentar-se com a própria voz interior em solilóquio, mas expandi-la e cruzá-la com outra voz, com outras vozes, para possibilitar o diálogo e as inevitáveis descobertas que essa rede de vozes pode promover.

A exploração do tema, ou alimentação temática, pode ser guiada por inúmeras questões dirigidas ao cenário físico e humano do lugar onde vivem os alunos. Quantas “cidades” diferentes habitam minha cidade? Em que faces diversas minha cidade se multiplica? Qual delas é sempre tomada como seu cartão-postal? Quais delas se escondem em arredores nunca mostrados ao visitante?

Quem são as pessoas que habitam os lugares diversos da minha cidade? O que elas fazem? O que é feito com elas? Como elas percebem ou veem o lugar onde vivem? Quem faz a minha cidade, no seu cotidiano? Quem fez a minha cidade? Como eu tenho visto a minha cidade? O que tenho deixado de ver na minha cidade?

E o melhor é que cada uma dessas perguntas pode levar à construção de outras perguntas para guiar os alunos – viajantes no seu próprio lugar. Uma viagem que permite apropriar-se do seu espaço como protagonista, como cidadão, ampliando a dimensão dos vínculos que ligam cada um de nós a determinados territórios de nascença ou de querença.

Ao fazer a associação entre o tema e o gênero **poema**, evoco imediatamente “A canção do exílio”, de Gonçalves Dias:

*“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.”²*

Ou, ainda, salta à memória o poema 207 de Alberto Caeiro (Fernando Pessoa):

*“O Tejo é mais belo que o rio que corre
pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio
que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela
minha aldeia.
[...]
O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da
minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos
gente,
É mais livre e maior o rio da minha
aldeia.”³*

2. Gonçalves Dias. “Cantos”, in: *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959, p. 103.

3. Fernando Pessoa. *Ficções do interlúdio. Obra poética*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960, p. 152.





Palmeiras e rio, nesses poemas, se tornam entes ou elementos emblemáticos do lugar, na visão do poeta que os escolhe. No caso das palmeiras, é nítido o tom saudoso e laudatório do poeta, que diz “minha terra”, como poderia ser *meu lugar*, mote das comparações que conduzem o poema: “As aves, que aqui gorjeiam, / não gorjeiem como lá.” Já no poema de Caeiro, o efeito da comparação não se expressa em tom laudatório ou saudoso, mas particulariza a singularidade do seu lugar – a aldeia – e do seu rio do seu lugar: “... o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia”.

Por isso, fazer um poema sobre um lugar implica a escolha desse elemento que vai “puxar” as palavras, as imagens, e orientar a construção do texto. Assim, o poema, para se fazer, não precisa dar conta da totalidade do *lugar onde vivo*, mas partir de uma escolha de um ou de alguns elementos capazes de disparar o fluxo de sentimentos ou sensações que se entrelaçam nas palavras com as quais se pode construí-lo. Talvez algumas questões possam guiar o tratamento do tema nesse gênero. Depois de olhar muito e ver o lugar onde vivo, que coisas mais me emocionaram? Por que essas coisas tocaram a minha emoção? Como minha emoção se traduziu em sentimentos – amor, saudade, revolta, ódio, ternura? Que palavras melhor expressam as imagens que tenho do lugar a partir desse ou desses sentimentos? O que posso dizer disso tudo? Com que palavras posso dizer tudo isso? Essa última questão remete ao conselho de Drummond:

“[...] *Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos [...]*”⁴.

Assim, palavras e imagens constituem a essência do poema. As questões indicadas não precisam ser respondidas imediatamente. Elas podem ficar dormindo à espera de respostas. Ou até não terem respostas. Assim, para que os alunos produzam poemas, é necessária paciência. Não pode haver um momento determinado, um prazo exíguo para essa produção. Também é preciso que eles saibam que o poema pode não nascer pronto. Cada leitura que fazemos dele pode sugerir outras imagens, outras palavras, outros ritmos. E, aí, vale reler Drummond:

“[...] *Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.*

Tem paciência se obscuros. Calma, se te provocam.

Espera que cada um se realize e consume

com seu poder de palavra e seu poder de silêncio [...]”⁵

O tema “O lugar onde vivo”, para se materializar no gênero **memórias literárias**, exige uma atenção especial para as narrativas coletadas pelos alunos. A narrativa parece constituir uma necessidade primal dos humanos. Já que a vida decorre num fluxo de tempo, no qual ela própria se constrói, uma forma de entendê-la e dela se apropriar é contá-la, compartilhando-a. Tomando-a no presente. Como o fluxo de evocações não é necessariamente ordenado ou focado, o primeiro passo é, ao escolher as pessoas, eleger os fatos evocados a serem materializados no texto e apreender a forma e o tom como

4. Carlos Drummond de Andrade. “Procura da poesia”, in: *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 117.

5. *Ibidem*, p. 118.

a narrativa se fez. Nesse ponto, algumas perguntas possíveis. Quem é esse narrador – o que faz, o que sente, como se apresenta? Que aspectos do lugar são evocados por ele? Que fatos ocorridos no lugar estão presentes, ou marcam as narrativas ouvidas? Esses fatos ou aspectos do lugar foram realçados, enfatizados, por serem mais importantes para quem engendrou sua narrativa? Momento especial é o da transposição do texto ouvido de outrem para o texto escrito. Como dizer a minha palavra sendo fiel às palavras de quem narrou? Como pôr em ordem e dizer do que ouvi, de modo que meu texto possa causar, no leitor, emoção semelhante à que experimentei quando ouvi? E assim por diante.

Se a escritura tiver de tomar o formato de **crônica**, a alimentação temática pode percorrer alguns caminhos para a descoberta de eventos aparentemente banais do cotidiano do lugar a serem alçados a um primeiro plano nesse gênero. Por essa perspectiva, algumas questões sobre o tema eclodem. Como é o dia a dia do lugar onde vivo? Que hábitos ou costumes caracterizam esse lugar? Que pessoas, com seus fazeres e afazeres, artes e ofícios, representam bem o cotidiano do lugar? Que fazeres são esses? O que torna o lugar onde eu vivo singular, diferente de outros lugares? Que fatos interessantes tenho presenciado no

lugar onde vivo? Qual deles particularmente mais me impressiona? Qual deles mereceria uma crônica? Assim, preparar-se para escrever uma crônica sobre um lugar implica um olhar subjetivo e seletivo do autor, que focaliza algo simples, singular, corriqueiro, mas que – por ter tocado sua sensibilidade – toma uma dimensão de importância ao ser tema de uma crônica. E é esse olhar do autor que vai guiar o leitor para o singular, o belo, o inusitado, o cômico ou o trágico de uma situação, evento ou pessoa do lugar onde vive e propiciar uma conversa informal, leve, que constitui o modo de ser de uma crônica.

Para “puxar” o início de uma crônica, a solução é absolutamente pessoal, mas ela deve enredar o leitor de tal forma nessa conversa, que ele caminhe emocionalmente com o olhar do autor até o final do texto, geralmente curto.

*“O amor acaba. Numa esquina,
por exemplo...”*

Paulo Mendes Campos⁶

*“Antigamente, as moças chamavam-se
mademoiselles e eram todas mimosas
e muito prendadas. Não faziam anos:
completavam primaveras, em geral
dezoito.”*

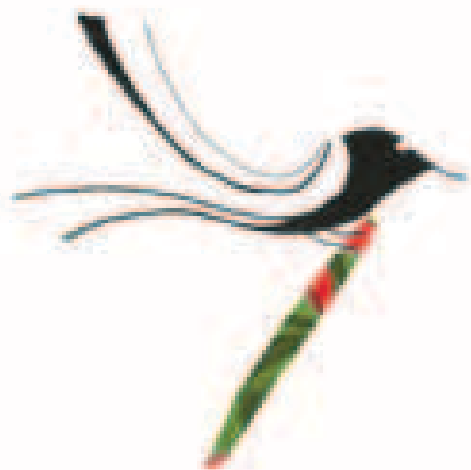
Carlos Drummond de Andrade⁷

6. Paulo Mendes Campos. “O amor acaba”, in: *Coletânea – Crônicas*. São Paulo: Cenpec, 2012, p. 10.

7. Carlos Drummond de Andrade. “Antigamente”, in: *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003, p. 117.



Já no caso do **artigo de opinião**, abordar o tema “O lugar onde vivo” vai permitir explorar ideias ou pontos de vista a respeito de situações ou fatos vinculados à região. Nesse sentido, o trabalho com o tema pode se encaminhar para a identificação de tais fatos ou situações de modo a problematizá-los. Que situações constituem problemas na minha cidade? Por que elas podem ser consideradas como problemas? Quais as causas de tais problemas? Que consequências elas acarretam para a vida das pessoas que vivem nesse lugar? O que poderia ser feito para resolvê-las? Como as pessoas do lugar se posicionam diante delas? O que penso eu a respeito de tudo isso? Como posso defender meus pontos de vista a respeito desse assunto? A partir de uma exploração do tema conduzida nessas bases, gradualmente os alunos irão se apropriando das características sociodiscursivas do gênero, o que será reforçado, nas oficinas, com a leitura de textos de gênero similar. A voz dos alunos, nesse caso, deve apropriar-se de bons argumentos – que ensejam credibilidade – e dos procedimentos argumentativos que marcam claramente o gênero, com o objetivo



final de estabelecer uma interlocução com o leitor e convencê-lo da propriedade do ponto de vista apresentado.

E, assim – qualquer que seja o gênero –, esse conjunto de perguntas engendradas a partir do tema constitui a base da qual brotarão as vozes dos alunos, as quais, ao se transmutarem em escrita, engendrarão autores conscientes do poder que emana de seu próprio verbo. Assinando seus próprios textos, eles certamente descobrirão, nesse processo, que escrever é tão bom quanto conversar, compor uma música, pintar um quadro, desde que se tenha o domínio de um instrumento de expressão – no nosso caso a linguagem escrita.

Falei muito de alunos. Mas é preciso não se esquecer de que, por se fazer e se expandir em diálogo, esse tema tocará também outras pessoas, fazendo-as abrir um hiato no seu cotidiano para pensar sobre seu lugar, lembrar o aparentemente esquecido e descobrir o prazer de fazer isso. Entre elas estão também os professores que, ao percorreres essas trilhas com seus alunos, protagonizam uma experiência de descobertas, já que com eles compartilham o lugar onde vivem. Mais que isso: estarão descobrindo caminhos do ensinar e do aprender, já que um não se faz sem o outro.



O trabalho com pesquisa na escola: em busca da autoria do aluno-pesquisador

Sugestões para incentivar seu aluno a investigar e não apenas “recortar e colar da internet”.

Jacqueline Peixoto Barbosa
e Cristiane Cagnoto Mori

O movimento entre produção e leitura é para nós um movimento que vem da produção para a leitura e desta retorna à produção (ao inverso do que costumam ser as práticas escolares tais como aquelas propostas pelos livros didáticos).

Geraldi, 1991, p. 188.



Com uma advertência para a falta de sentido (e de objetivo) como muitas atividades de leitura são propostas e desenvolvidas na escola, Geraldi (1991) vai propor o movimento descrito na epígrafe entre as práticas de leitura e escrita: deveria ser para ter o que dizer em certas situações de comunicação que os alunos leriam, buscariam parte do que já foi dito a esse respeito, dialogariam com essa produção etc. Nessa direção, pode-se pensar que a apropriação de procedimentos de pesquisa pode ajudar na concretização desse movimento metodológico entre as práticas de uso da linguagem.

Jacqueline Peixoto Barbosa é mestre e doutora em linguística aplicada pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP); professora do Departamento de Linguística da PUC-SP. Atua com formação continuada de professores nas redes pública e privada.

Cristiane Cagnoto Mori é mestre em linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp); professora do Departamento de Linguística da PUC-SP. Atua com formação continuada de professores nas redes pública e privada.

O advento e aumento do alcance das redes sociais incrementou a prática de redistribuição de informações/textos/vídeos/arquivos de áudios etc. São frequentes *posts* no Facebook, Twitter, entre outras redes, que remetem e/ou comentam publicações da net. Essa é uma prática social, própria dos ambientes digitais, que merece ser explorada pela escola em função do seu potencial de propiciar relações intertextuais e interdiscursivas e de propiciar o desenvolvimento da capacidade de replicar o discurso do outro. Já a remixagem supõe a interferência direta nas produções e nos discursos em circulação, produzindo novos discursos e efeitos de sentidos.

Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI:

Pesquisar – V.t.d 1. Buscar com diligência; inquirir, perquirir; investigar. [...]

Pesquisa – S.f. [...] 2. Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição. [...]

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa:

Pesquisar – verbo transitivo direto e intransitivo.

1. procurar com aplicação, com diligência. [...]

Pesquisa – substantivo feminino.

[...] 2. investigação ou indagação minuciosa. [...]

O problema de fundo, porém, permanece em função do tipo de trabalho com pesquisa proposto na maioria das escolas. Grande parte das atividades trata a pesquisa como atividade de **complementação** de conteúdos estudados ou algo que precisa ser feito por possibilitar o **uso das TICs** (Tecnologias de Informação e Comunicação) e/ou por **lidar com busca e seleção de informação**.

Trata-se de uma atividade comum, para a qual, em geral, se oferece pouco suporte: propostas descontextualizadas, que carecem de objetivos claros e de formas de socialização definidas. Alimenta-se assim mais um paradoxo da escola: cobra-se algo – fazer pesquisa – que deveria ser ensinado, mas que muitas vezes não o é. Em função disso, não raro o processo de desenvolvimento se resume ao uso do procedimento “recorta e cola”. Para vislumbrar uma solução, é preciso discutir a natureza e os propósitos das atividades de pesquisa na escola.

A pesquisa escolar até pode gerar novos conhecimentos (sobre a escola ou o bairro, por exemplo), mas, em geral, trabalha com a reconstrução de conhecimentos existentes. Além disso, o trabalho com pesquisa na escola visa à aprendizagem de procedimentos e ao desenvolvimento de habilidades para tratar informações e dados.

Na chamada sociedade da informação é preciso que as informações (amplamente disponíveis) possam se converter em conhecimento: é fundamental que a escola ensine a buscar, selecionar, relacionar, analisar, divulgar, redistribuir, remixar e operar com a diversidade de informações.

A almejada formação de sujeitos autônomos e críticos passa pelo desenvolvimento de habilidades e aprendizagem de procedimentos de pesquisa. Mas o que é pesquisar?

Em definições de pesquisa apresentadas nos dicionários, vemos que as ações de indagar e buscar estão sempre acompanhadas de uma especificação (“com diligência”; indagação “minuciosa”).

Se pesquisar envolve investigação, triangulação de dados/informações, procedimentos metodológicos, estabelecimento de diferentes níveis de relação para a construção da resposta à questão de pesquisa, atividades que demandam respostas diretas a perguntas simples como: “Os anos 2000, 2004 e 2008 são chamados de bissexto. Por quê? Quais serão os próximos anos bissexto?”¹, não podem ser tidas como atividades de pesquisa.

Além da confusão entre “busca simples” e “pesquisa”, o problema de algumas propostas é a falta de orientação em relação ao processo. A seguir alguns exemplos.

1. *Geografia* – 5º ano. São Paulo: Moderna, 2009, p. 30. Coleção Conviver.

■ Exemplo 1

Pesquise

Você e seus colegas irão pesquisar que tipo de aproveitamento podem oferecer os rios do Estado em que vivem. O professor organizará a classe em três grupos e cada grupo deverá apresentar a pesquisa ao restante da turma. Os grupos pesquisarão os seguintes temas:

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Pesca	Lazer	Abastecimento de água
Navegação	Produção de energia elétrica	

Fonte: *Geografia* – 5º ano. São Paulo: Moderna, 2009, p. 55. Coleção Conviver.

O que e onde deverão pesquisar? Em que gênero deverão organizar o resultado da pesquisa? Com quem os resultados de pesquisa serão socializados?

■ Exemplo 2

Pesquise

Junte-se a um colega e juntos procurem conversar com imigrantes ou pessoas que conheçam histórias de imigrantes.

Anotem as informações e apresentem aos colegas e professor.

Fonte: *Geografia* – 5º ano. São Paulo: Moderna, 2009, p. 146. Coleção Conviver.

Sobre imigração o que devem focar? Isso não precisa ser dado previamente, pode ser construído pelos alunos, mas é preciso prever uma mediação por parte do professor. Como devem anotar as informações: em tópicos, numa transcrição de entrevista, num relato biográfico?

■ Exemplo 3

Investigue

Converse com um adulto de sua convivência e pergunte:

Você é a favor ou contra o voto obrigatório? Por quê?

Conte para os colegas a opinião do adulto com quem você conversou e ouça a que eles obtiveram.

A maioria dos adultos foi a favor ou contra o voto obrigatório?

Fonte: *Geografia* – 5º ano. São Paulo: Moderna, 2009, p. 81. Coleção Conviver.

Neste exemplo, propõe-se um levantamento de dados, mas não há proposta para a forma de registro dos dados parciais e finais, nem uma triangulação com outras fontes de pesquisa. A relevância da questão é indiscutível e poderia contar com a leitura de textos que apresentassem posicionamentos diante da questão. O argumento dado pelos entrevistados poderia ser debatido. Como forma de socialização dos resultados, textos de diferentes gêneros textuais poderiam ser produzidos.

■ As atividades de pesquisa na escola: como superar suas inadequações?

Mais do que apontar como as atividades de pesquisa deveriam ser, é preciso pensar numa progressão curricular que deve ser construída tendo como princípio que toda pesquisa parta de uma questão/situação problema que emergja no grupo, na classe e/ou que tenha sido com ele pactuado.

Partindo dessa premissa, para a organização de um currículo que tenha como um dos eixos transversais o desenvolvimento de habilidades e a apropriação de procedimentos de pesquisa, é importante explicitar os **tipos de pesquisa** que podem ser trabalhados na escola e como esse trabalho pode ser proposto nos diferentes anos, no que diz respeito ao **recorte das questões de pesquisa**, à **busca de informações** e levantamento de dados, **seu tratamento e análise** e **socialização dos resultados**.

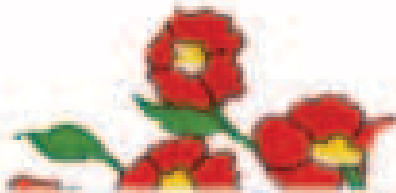
Em relação ao problema ou à questão de pesquisa, o recorte deve ser bem delimitado.

Nos anos iniciais, esse recorte pode ser fornecido pelo professor. Nos anos mediais e finais, um dos objetivos do trabalho pode ser exatamente estabelecer esse recorte.

Quanto aos tipos de pesquisa que podem circular na escola, com as devidas adequações e didatizações, merecem destaque a bibliográfica, o levantamento de dados, a experimental e a de campo (em geral, denominada “estudo do meio”). No presente artigo, trataremos apenas do primeiro tipo de pesquisa.

A **pesquisa bibliográfica** supõe a busca de informações/dados/respostas em livros, periódicos, impressos em geral e escritos em outros suportes/mídias e também em vídeo. No caso da escola, pode também incluir entrevista com especialistas ou com alguém que tenha vivenciado uma situação. Seu objetivo maior é conhecer as diferentes contribuições já dadas a respeito do tema em questão. Do ponto de vista de uma progressão para os ensinos Fundamental e Médio, é possível explorar:

- Diversidade de fontes que, no início, podem ser uma ou duas mais simples dadas antecipadamente (textos, vídeos, entrevistas etc.) e que depois podem variar/aumentar tanto em quantidade como em complexidade, bem como sua seleção e sua confiabilidade.
- Gêneros e procedimentos de apoio à compreensão: ensinar o aluno a grifar, anotar, fazer sínteses, quadros sinópticos, infográficos etc., os de tal forma que possa encontrar, registrar e organizar as informações pertinentes.
- Procedimentos de paráfrase (escrever com as famosas “próprias palavras” não é uma tarefa simples) – primeiro a partir de poucas fontes, depois de um número maior delas – e marcação do discurso citado. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, podem-se fornecer duas fontes curtas de textos/vídeos que contêm informações pertinentes para o desenvolvimento da pesquisa e pode-se elaborar, primeiro coletivamente e, depois, em duplas ou individualmente, um terceiro texto que sintetize as principais informações. Já no início da segunda metade do Ensino Fundamental II, pode-se trabalhar com outros procedimentos de paráfrase: inversões, usos de sinônimos, acréscimos, omissões etc., e com as formas de marcação do discurso citado. Nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, pode-se trabalhar a marcação da autoria nos textos, a partir da orquestração de vozes de outros. Assim, em um artigo de opinião ou em um ensaio, por exemplo, os alunos podem trazer posicionamentos divergentes sobre a questão, mencionando suas fontes, e se colocar diante desses posicionamentos e da questão controversa discutida.



- Processos de redistribuição e remixagem de textos: propor para o aluno escrever uma página de revista eletrônica, a partir de conteúdos disponibilizados na internet sobre questões socioculturais relevantes², supõe que eles selecionem notícias, artigos de opinião, vídeos, infográficos etc. sobre a questão e se posicionem em relação a essas publicações. A progressão ao longo do currículo poder ser a densidade do comentário que, no início do Ensino Fundamental, pode ser opinativo, curto e sem sustentação e, nos anos finais, mais refinado, com opinião sustentada.

2. Livros, filmes, mobilidade urbana, desrespeito aos direitos humanos, cobertura da imprensa sobre uma eleição etc.

Uma possibilidade de aplicativo para esse fim é o [scoop.it](http://www.scoop.it), que permite a criação de blogs com materiais encontrados na web. Dois exemplos interessantes podem ser vistos em:
<http://www.scoop.it/t/animacao>
<http://www.scoop.it/t/ir-e-vice-e-versa>
Acesso em 23/5/2012.

- Diferentes gêneros/suportes e mídias para a socialização dos resultados podem ser trabalhados: cartaz, jornal-mural, apresentação oral/seminário (com uso de *softwares* de apresentação do tipo PowerPoint e Prezi), programa de rádio, infográfico, verbete de enciclopédia (impressa e eletrônica), artigo de opinião, texto ou artigo de divulgação científica, monografia, fanzine³, jornais e revistas – impressas e eletrônicas (e seus diferentes gêneros) etc.

3. No Brasil, o termo fanzine é genérico para toda produção independente.

O importante desse processo é não só dar lugar à voz dos alunos, mas também qualificá-la por meio da pesquisa; é colocar a leitura a serviço do dizer pela perspectiva não de revozear textos, mas de replicá-los, concordando com eles ou refutando-os, complementando-os, questionando-os, emocionando-se, indignando-se ou surpreendendo-se com eles, pela perspectiva de concretização de uma atitude responsiva ativa, tal como prevista por Bakhtin (2003) e também por Rojo (2004, p. 2), que afirma:

"Mas ser letrado na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da liberdade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela."

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução, Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ROJO, Roxane Helena Rodrigues. "Letramento e capacidades de leitura para a cidadania". Texto de divulgação científica elaborado para o Programa Ensino Médio em Rede, in: CD do Programa Ensino Médio em Rede, Rede do Saber/Cenpec/SEE-SP, 2004.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

O meu professor de literatura

Claudia Lage

A escritora **Claudia Lage** é formada em literatura e dedicou muito tempo ao teatro. Autora, entre outros, do romance *Mundos de Eufrásia*.

Às vezes, eu costumava matar aula no colégio para ir ao cinema, outras vezes, Avejam sô, para ir à biblioteca da escola mesmo. Foi estranho quando, um dia, o meu professor de literatura da época me encontrou numa dessas vezes entre as estantes, procurando um livro. Naquela hora, na minha turma, era a aula dele. Por algum motivo, ele precisou deixar a sala e ir à biblioteca rapidamente. Teve um espanto ao me ver ali. Não sei se por que eu matava a sua aula, ou por que fazia isso na biblioteca, com um livro nas mãos. Ele me olhava e olhava o livro. Ia e voltava com os olhos, perplexo. Eu não soube, por um instante, se devia justificar a minha ausência na sala ou o fato de ter escolhido um lugar cheio de livros para faltar à aula de literatura. Quando enfim comecei a gaguejar alguma coisa, ele se afastou, transtornado, e saiu, mas não antes de olhar mais uma vez o livro que eu tinha nas mãos, com evidente ressentimento.

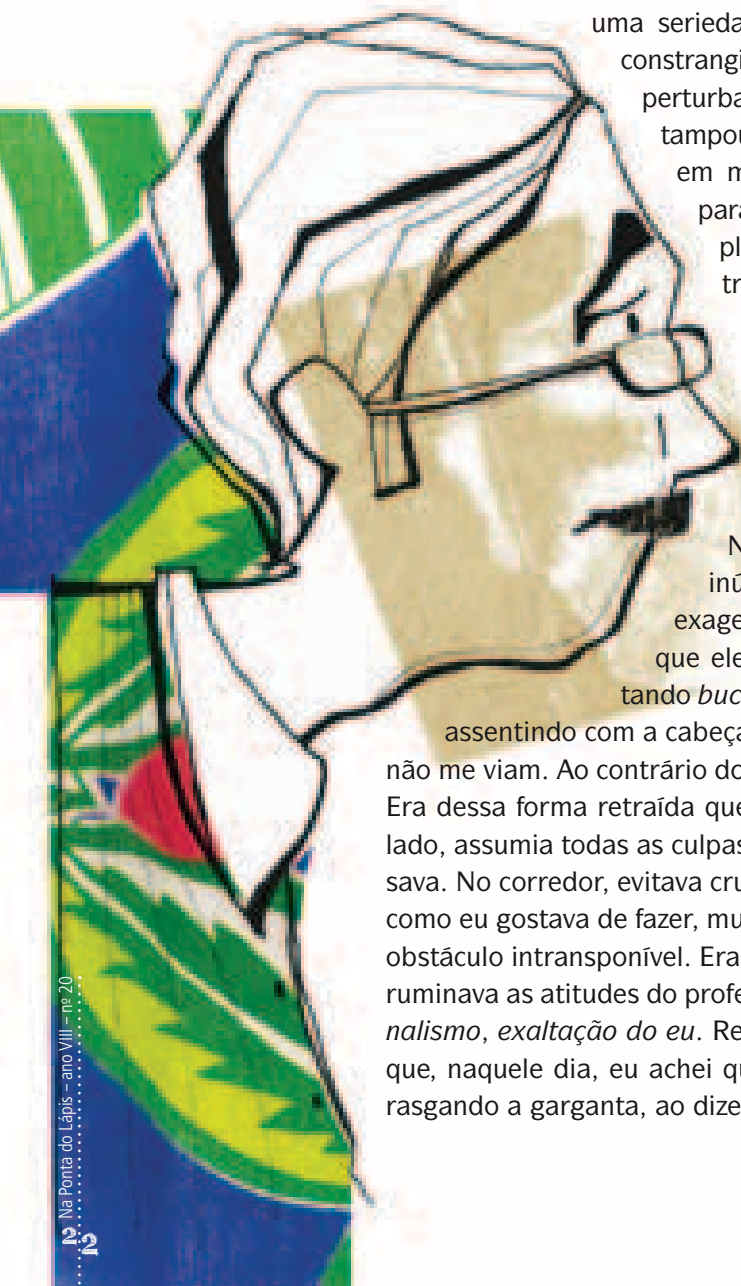
Eu havia cometido algum delito grave para aquele professor. O fundo em meu estômago dizia isso. Não podia ser só a aula. Outros alunos também a matavam de vez em quando, e ele depois lhes chamava à atenção com uma seriedade divertida e irônica. Nada de perplexidades

constrangidas. Olhares graves e ressentidos. Aquela reação perturbadora ele havia reservado apenas para mim. Mas, tampouco, devia ser a biblioteca, ou era? O livro suava em minhas mãos, assumindo talvez a culpa. Levei-o para casa, apertando-o em meu peito. Éramos cúmplices, nós dois, de um ato horrível e misterioso contra o professor. Naquela noite, tive pesadelos. Os olhos do professor tomavam inteiramente o seu rosto, e me enfrentavam indignados e ofendidos.

Na aula seguinte, tentei me comportar da melhor maneira possível. Não passei o tempo olhando para a janela, como costumava fazer, em busca de um horizonte qualquer.

Nem me distraí com rabiscos, desenhos e frases inúteis no caderno. Fixava o professor com atenção exagerada, tentando absorver e compreender tudo o que ele dizia sobre o estilo de época Arcadismo, anotando *bucolismo* e *pastoralismo* com caligrafia exemplar, e

assentindo com a cabeça toda a vez que seus olhos passavam por mim e não me viam. Ao contrário do meu pesadelo, o professor não me olhava mais. Era dessa forma retraída que ele lidava com o ressentimento. Eu, por outro lado, assumia todas as culpas na medida em que ele silenciosamente me acusava. No corredor, evitava cruzar comigo, e se me via no pátio lendo um livro, como eu gostava de fazer, mudava de direção como se estivesse diante de um obstáculo intransponível. Era sempre à noite, na escuridão da insônia, que eu ruminava as atitudes do professor e repassava a matéria. Romantismo: *nacionalismo*, *exaltação do eu*. Realismo: *racionalismo*, *crítica social*. Não sei por que, naquele dia, eu achei que ele tremera um pouco durante a aula, a voz rasgando a garganta, ao dizer, *crítica social*.



Semanas depois, eu percebi: o professor não fazia mais a barba, engordava, e, como se não tivesse mais nada a fazer, envelhecia. Se antes não era alegre nem triste, agora não era, simplesmente. Entrava na sala de aula resignado, dizia algumas coisas, escrevia outras, para depois desaparecer. A sua apatia era tão grande que um dia ele deve ter se esquecido de que sua presença era aguardada e realmente desapareceu. “Viajou”, explicou a diretora, como se o fato de alguém ir de um lugar para o outro explicasse tudo. E assim os anos se passaram sem notícias do professor.

Nos encontramos anos depois, por acaso, numa livraria. Eu a frequentava sempre, e não sabia que, desde que entrei pela primeira vez ali, era observada pelo professor. Já sentia o livro suando em minhas mãos, quando ele me cumprimentou, perguntando se eu era eu, a sua aluna. Sim, confirmei. Ele me olhava e olhava o livro, como nosso constrangido encontro na biblioteca da escola. De repente, me abraçou, com uma gratidão que eu não pude entender. Mas, em seguida, o professor foi de uma clareza imprevista, de fechar os olhos. Uma de suas alegrias era me ver ali em sua livraria, ele disse. E sorriu, confirmando, sim, sou livreiro. E pegando um livro, levou-o ao peito. A capa sobre o coração, enquanto ele confirmava a satisfação de ver que eu continuava a gostar de ler, apesar de suas aulas. Aquele dia na biblioteca ressurgiu então entre nós. Me ver matar a aula de literatura para ler foi a gota d'água para o professor. Havia passado a noite anterior preparando uma aula de literatura, elencando, não poetas e escritores, seus textos e suas poesias, mas características, datas e nomes que os alunos não podiam deixar de saber, porque ia cair na prova, porque estava no currículo do semestre. Às vezes, conseguia uma aula ou outra para os textos, mas era pouco, muito pouco. Até me ver na biblioteca, o professor me julgava uma aluna desinteressada e desinteressante, daquelas que não se avista o futuro. Não me imaginava abrindo um livro, como podia supor que eu era uma leitora? Mas eu era, e, para ele, havia sido como um marido, que sempre considerara a esposa frígida, descobrir que ela tem um amante. Eu, que já tinha idade e altura para sorrir dessa imagem, sorri, profundamente feliz. O professor abraçava o livro, apaixonado. Contou que um dia, se levantou da cama, se arrumou para ir trabalhar, saiu de casa, mas, em vez de ir à escola, foi para uma livraria. No dia seguinte, pediu demissão. Juntou dinheiro, conseguiu um empréstimo e abriu uma pequena livraria, que se expandira em outras. “Eu queria estar perto dos livros”, explicou. “Antes, eu achava que podia ser professor de literatura impunemente”, disse. O professor entrara na escola cheio de esperanças de mudar o modo em que é feito o ensino da literatura, de driblar, dia a dia, o sistema. Mas foi ao contrário, era o sistema que estava, pouco a pouco, mudando o professor, encurralando-o numa sala escura. “Até te ver na biblioteca, eu não tinha a real consciência da dimensão do que eu fazia. A cada aula, eu matava um livro. A cada aula, um leitor morria.”



Narrar a experiência

Maria Tereza Antonia Cardia

Tempos de velocidade, quando tudo é para ontem e nos ocupamos só do amanhã. Avidéz pelas notícias que se sucedem e rapidamente perdem interesse. Convívio com os últimos modelos das mais avançadas tecnologias, logo tornadas obsoletas. Voracidade pelas informações e a necessidade imperiosa de ter opinião formada sobre tudo – como cantava Raul Seixas em *Metamorfose ambulante*. Acúmulo de trabalho, correria... Todo esse contexto que nos é tão familiar, também é solo árido para que a experiência, no sentido benjaminiano¹, se dê.

1. Walter Benjamin, importante pensador da primeira metade do século XX, registrou suas reflexões sobre narrativa e experiência em "O narrador", publicado em *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura* (São Paulo: Brasiliense, 1994).

A *experiência* é amiga do silêncio; da contemplação; do parar para olhar, sentir, ouvir, pensar, escutar sem julgar; da abertura para novas compreensões; é preciso deter-se nos detalhes, cultivar a delicadeza. Falando para educadores, Jorge Larrosa Bondía², um estudioso da obra de Benjamin, nos diz que o sujeito da *experiência* está aberto à própria transformação, é receptivo, vulnerável,

2. Jorge Larrosa Bondía. "Notas sobre a experiência e o saber da experiência". *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, jan./abr., 2002, pp. 20-28.

Maria Tereza Antonia Cardia

é doutora em psicologia da educação e integrante da equipe da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.



“ex-posto”, ao contrário daquele a quem nada acontece – o firme, forte, inatingível. A *experiência* é o que nos toca, e não o que se passa ou o que acontece; a experiência é única, não pode ser repetida, e carrega consigo uma dimensão de incerteza e imprevisibilidade. Diante de um mesmo acontecimento, cada pessoa faz sua *experiência* singular. O *saber da experiência* deriva da elaboração de sentido sobre o que nos acontece.

Walter Benjamin afirma que em uma época pobre de *experiências* a arte de narrar, exercida por nossos ancestrais, está gradualmente desaparecendo – já não há narradores nem ouvintes. A narrativa, diz ele, é construída a partir da *experiência*, seja ela própria ou relatada por terceiros, e, ao contrário da informação, traz ensinamentos de vida que suscitam reflexão e conservam interesse por muitas e muitas gerações.

Embora a *experiência* seja intransferível, por meio da **palavra** (oral ou escrita) podemos compartilhá-la com os demais, assim como tomar contato com a experiência do outro. O narrador molda a narrativa artesanalmente, imprime sua marca pessoal, “como a mão do oleiro na argila do vaso”, e costuma recorrer a astúcias para prender a atenção, tal como Sherazade em *As mil e uma noites*. Narra com exatidão, mas evita dar explicações e deixa a interpretação a cargo do leitor ou ouvinte, afirma Benjamin.

Trazendo essa discussão para o campo da educação, a professora Maria Isabel da Cunha³ afirma que, ao narrar, o sujeito organiza as ideias, reconstrói a experiência, lembra, reflete, podendo chegar a uma nova

compreensão de si mesmo, de sua prática e dos outros. Salienta que a narrativa pode ser transformadora: da mesma maneira que a experiência alimenta a narrativa, esta também produz a realidade – enquanto contam suas experiências, as pessoas expressam intenções e projetos, de modo que o vivido se entrelaça ao que estão por viver.

Por fazer parte da equipe da Olimpíada, tenho entrado em contato com vários relatos de prática de professores que desenvolveram as sequências didáticas presentes nos *Cadernos do Professor*⁴, enviados para as escolas públicas. Encantada com os textos, paralelamente ao trabalho, dediquei-me ao estudo dos relatos. Nesse percurso, fui ajudada pelos autores cujas ideias quis trazer aqui para tratar da relevância de relatar a prática docente.

Em diversos materiais produzidos pelo programa sugerimos o registro da prática e a elaboração de relatos e temos dado orientações mais detalhadas aos professores participantes da etapa semifinal. Como dar ao professor orientações que o ajudem a narrar sua experiência, respeitando sua liberdade criativa? Como dar orientações que permitam à equipe conhecer melhor a prática em sala de aula para reorientar as ações formativas do programa de modo a atender cada vez mais as necessidades identificadas? O histórico da página seguinte traduz o modo como a equipe tem procurado responder a essas preocupações. A cada edição, com base nas produções apresentadas pelos professores, agregam-se novos elementos, alicerçados no que veio antes.

3. Maria Isabel da Cunha. “Conta-me agora! – As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino”. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo, v. 23, nº 1-2, jan./dez., 1997.

4. Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*. *Caderno do Professor*. São Paulo: Cenpec/Fundação Itaú Social, Brasília: MEC, 2012.



Programa *Escrevendo o Futuro*

2003 Os relatos de professores dos alunos semifinalistas de 2002 subsidiaram a primeira publicação voltada para essa questão: *Voz do Professor*⁵, uma análise das concepções de linguagem e de ensino expressas nos relatos.

2004 A recomendação para o registro da prática foi incluída no regulamento da 2ª edição.

2006 Foi instituída uma premiação para a escrita dos relatos. O professor foi convidado a assumir um duplo papel: mediador da aprendizagem dos alunos – ao ensinar a escrita de um gênero – e autor de um texto no qual conta sua experiência – envio de orientações⁶ aos professores dos alunos semifinalistas. O relato da prática pedagógica é enfatizado como oportunidade para reflexão e aperfeiçoamento, propício à articulação entre a teoria e a prática. Estabelece “um diálogo entre o passado vivido, o presente de quem recorda e os leitores do texto”, indicando esse jogo entre ontem e hoje. As orientações sugerem incluir as vozes de pessoas implicadas no processo, como alunos, pais, coordenador, diretor ou autores lidos, direta ou indiretamente citados; o professor pode escrever sobre vivências significativas, bem como sobre obstáculos e o modo como foram enfrentados, destacando as particularidades do vivido.

Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*

2008 Foram incluídas nos *Cadernos do Professor* recomendações para que, no decorrer das oficinas, os educadores registrassem as atividades realizadas, anotando falas, impressões, dificuldades e soluções encontradas, reflexões que constituíssem a base para a elaboração do “Relato de prática”.

2010 Envio do texto “Relatar a prática: como e por quê?”⁷, que compara planejamento, diário e relato. O planejamento envolve a programação como um plano que leva em conta de onde se parte e aonde se quer chegar; o diário reúne fragmentos coletados durante os acontecimentos, sejam eles comentários, dúvidas, descobertas. Planejamento e diário têm o próprio autor como destinatário, enquanto o relato de prática é escrito para outro leitor e por isso deve conter a descrição e a análise do que se passou, de modo que alguém que não estava presente compreenda o processo. Para escrever seu relato o professor deve recorrer aos vários registros e documentos disponíveis, como amostras das produções dos alunos nas diferentes fases do trabalho, o que de fato aconteceu, as dificuldades e entraves enfrentados, dúvidas, reflexões e hipóteses, para compreender o que ocorreu. Duas questões são propostas para a elaboração do relato:

- O que você aprendeu com o trabalho realizado?
- O que você aprendeu com o que os seus alunos não aprenderam?

2012 O que acrescentar? Seria interessante, primeiramente, você, que deseja relatar sua experiência, revisitar as orientações anteriores. A maioria delas pode ser consultada na íntegra na Comunidade Virtual *Escrevendo o Futuro* < www.escrevendoofuturo.org.br >, na seção Formação > Na prática > Relatos.

5. Anna Helena Altenfelder. *Voz do Professor*. São Paulo: Cenpec/Fundação Itaú Social, 2003.

6. Heloisa Amaral. “Na prática a teoria é outra?”, in: *Na Ponta do Lápis*. São Paulo: Cenpec, ano III, nº 5, abr., 2007, pp. 14-15. Edição esgotada.

7. Elaborado pela professora Cris Zelmanovits.

■ Alguns lembretes

- Quem serão os seus leitores? Combine com alguns colegas – vocês podem ler o texto uns dos outros. Tendo seus leitores em mente, comece.
- Para ter o que dizer, é preciso lembrar e refletir sobre o vivido, quando seu planejamento, o diário, as observações e os registros feitos no decorrer das Oficinas tornam-se preciosos auxiliares, juntamente com produções da turma e demais documentos coletados durante o trabalho.
- Vale também buscar conhecer a visão dos que participaram do processo. Você pode pedir aos alunos que escrevam a esse respeito, que avaliem e destaquem o que sentiram, do que mais e menos gostaram; pode convidar outros envolvidos (coordenador, pais, entrevistados etc.) a darem seus depoimentos.
- Todo esse material reunido constitui a base para organizar suas reflexões. Contemple-o, escolha o que deseja contar, ressaltando o que houve de singular e único em sua experiência. O que, a seu ver, merece ser trazido à luz? Eleger um fio condutor em torno do qual organizar sua narrativa pode ser útil.
- Visite o *site* de Graciliano Ramos e leve em conta os ensinamentos dele para “quem se mete a escrever”, publicados na revista *Na Ponta do Lápis*, nº 9.
- Escrever, ler, reler, cuidar da organização das ideias, da seleção das palavras. Evitar os lugares-comuns⁸, os clichês para conseguir chegar ao âmago da sua experiência. Revisar até que não reste nada supérfluo.
- Narrar também é se expor – coragem! Lembre-se que elaborar o relato de prática é uma oportunidade de transformação.

8. Humberto Werneck, entrevistado deste número, reuniu lugares-comuns e frases feitas em *O pai dos burros*. Porto Alegre: Arquipélago, 2009. Vale consultar!

Por tudo o que foi dito, vale a pena arriscar, você não acha?

Carlos Drummond

Em busca do menino antigo

Uma visita a Itabira, cidade natal de Carlos Drummond de Andrade, atrás de vestígios do poeta e de sua obra.

Luiz Henrique Gurgel



Fotos Luiz Henrique Gurgel

Jardim interno da casa onde cresceu Drummond, em Itabira. Na parede o poema "O criador".

Na crônica "Antigo", publicada no seu terceiro livro em prosa, *Passeios na ilha*, em 1952, Carlos Drummond de Andrade fala de um voo que fez sobre Itabira, a bordo de um pequeno avião. O escritor narra a viagem pelos céus da terra natal dizendo que as cidades lhe interessavam mais "por certas características profundas que pela sua evidência econômica, histórica, social". Naquele lugar – pois, mesmo morando no Rio de Janeiro, Itabira nunca saiu do poeta – sua atenção estava voltada para "o invisível, o esvoaçante, o esquivo". Ele se referia à própria memória e ao mundo da sua infância, buscando vestígios lá do alto. Um mundo possível de ser transmitido de um único jeito, segundo o autor, pela "via poética". Por isso ele se desculpava, no texto, por não falar do lado "espetacular e dinâmico" de Itabira. Preferia dar notícias de uma

memória de humildade



Casa onde o poeta viveu, em Itabira.

“doce encosta de vale”, da estrada para o pico do Cauê ou do velho moinho de fubá, que “lá está ainda, para conforto de nossos dias adultos, [...] prova da eternidade natural das coisas puras e humildes”. Eram essas as verdadeiras notícias que interessavam a ele.

Num ano de muitas celebrações – em 2012 comemoram-se os 110 anos de seu

nascimento, com o lançamento de novas edições de suas obras, além da homenagem na festa literária de Paraty – visitar Itabira, em Minas Gerais, em busca de vestígios que remetam a Drummond e a sua obra, é uma boa oportunidade para perceber justamente “o invisível, o esvoaçante, o esquivo” que tanto o poeta procurava. São

construções, personagens, ruas, paisagens e sensações referidas em poemas, crônicas e contos. Não há um livro sequer de Drummond em que algo ou alguém de Itabira ou relacionado à cidade não esteja presente. Em três deles, especificamente, o tema são as memórias itabiranas. Nos poemas da série *Boitempo* (*Boitempo I*; *Boitempo II – Menino antigo*; *Boitempo III – Esquecer para lembrar*), o poeta reconstrói sua memória afetiva em versos. Numa entrevista de 1982, explica o motivo por tê-las escrito nesse gênero: “Não saberia escrevê-las de modo mais objetivo, em prosa, porque não

posso memória objetiva dos fatos e dispo-
nho apenas da lembrança emocional deles. [...] Assim, eu os recriava e os revivia em seus contornos visuais, sensitivos etc., sem a precisão fatural do memorialista”.

■ Caminhos Drummondianos

Era comum o poeta dizer que continua-
va “morando” em Itabira, uma referência clara à antiga “Itabira do Mato Dentro”, da infância e adolescência, da qual pouca coisa de sua arquitetura restou. O que ainda existe são algumas igrejas e casarões – entre eles,

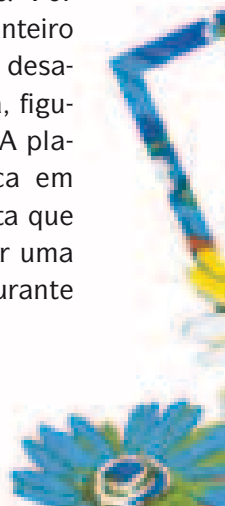
aquele em que viveu –, la-
deiras íngremes e sinuo-
sas, o Pico do Amor. Dos
noventa por cento de fer-
ro das calçadas, como ci-
tado em “Confidência do
itabirano”, parecem ter
surgido grandes placas
de ferro fundido, com
quase dois metros de al-
tura, que reproduzem poe-
mas de Drummond alusi-
vos ao local onde estão
expostas, referindo-se à
construção ou a algum
personagem contemporâ-
neo do poeta que tinha
vivido ali. A série de pla-
cas, espalhadas pela cida-
de, forma o chamado “Ca-
minhos Drummondianos”,
espécie de museu a céu
aberto, criado em 1997 e
restaurado em 2009, um
passeio e tanto para apre-
ciadores da obra que bus-



Fotos: Luiz Henrique Gurgel

Casa da família de Marciana
e Natércia Ferreira, onde o
poeta, na adolescência, ia pedir
revistas emprestadas.

cam outras referências dos poemas. Por
elas conhece-se a casa do escultor e santeiro
Alfredo Duval – que corre o risco de desa-
bar –, filho de ex-escrava, anarquista, figu-
ra marcante na vida de Drummond. A pla-
ca com o famoso poema “José” fica em
frente ao Hotel Itabirano, onde consta que
o irmão do poeta, José, tentou raptar uma
prima, por quem era apaixonado, durante
uma procissão.



■ A fotografia na parede

Foi em uma dessas placa, que se reproduziu o poema “Canção de Itabira” (do livro *Corpo*, 1984), em frente à casa das irmãs Marciana e Natércia Ferreira. Vizinhas do antigo casarão da família Drummond, a centenária casa em que moram tem vários livros autografados por ele, presentes do poeta que jamais se esqueceu das tias e da mãe de Marciana e Natércia que, nos anos de 1910, emprestavam revistas do Rio de Janeiro para o menino Carlito. “Como Drummond era ávido por leitura, e ele sabia que havia aqui essas

revistas, ele vinha pedir emprestado. Um dia eu perguntei para a minha mãe: ‘E vocês batiam um bom papo com ele?’ ‘Que é isso menina! Ele chegava aqui nessa porta, olho baixo, uma vozinha muito sumida: Tem revista?’. Se tinha ele levava – ‘Obrigado’. Só isso”, conta Marciana, imitando o que seria o jeito de falar do menino. Numa crônica da década de 1970, Drummond lembraria que ele devia ser um garoto bem “purgante” atrás daquelas moças, mas reconhece: “Essas revistas lidas, relidas, alisadas no excelente papel *couché*, fizeram minha iniciação literária, muito imperfeita, mas decisiva”.



Placas dos Caminhos Drummondianos em Itabira: irmãs Ferreira junto ao poema que Drummond dedicou à tia delas; ao lado detalhe da placa em frente ao Cemitério do Rosário.



Por muito tempo Itabira ficou cismada com o poeta, por conta do famoso verso: “Itabira é apenas uma fotografia na parede”, como se ele desprezasse a terra natal. Marciana diz que “todo mundo ficou muito bravo com o verso, repercutiu muito e foi motivo de maior rejeição”. Mas ela mesma explica o que devia se passar com o poeta: “Ele saiu daqui muito novo. A Itabira que ele conheceu e amou mudou demais. Então, ele não se reconhecia dentro dessa nova Itabira. Aquele retrato que ele tinha no coração, doía”.

Mais que a Itabira em si, era aquele universo da memória que permaneceu para sempre em Drummond. “Quem me fez assim foi minha gente e minha terra”, diz no poema “Explicação” (do livro *Alguma poesia*, 1930). Era o universo que ele buscava reencontrar a bordo do pequeno avião sobrevoando a cidade.



*“Está escrito no grande livro da sabedoria popular
que primeiro se deve viver que é pra depois poetar.”*

José Ednardo Soares Costa Sousa

Poema vai, poema vem

Dois amigos escritores, um brasileiro – José Santos – e um português – José Jorge Letria –, numa animada disputa poética que lembra o repente – desafio da tradição oral e da literatura de cordel –, escreveram poemas que retratam suas cidades, despertando no leitor o desejo de conhecer os dois países.

Selma Maria Kuasne

O repente, trazido ao Brasil pelos portugueses, teve origem no improviso africano e nas trovas medievais da Europa. Essa manifestação da cultura popular, uma variante das cantigas tradicionais guardadas na memória, tornou-se conhecida, principalmente, no Nordeste do país, por registrar os fatos políticos e sociais de uma época, os usos e costumes, as aspirações e sentimentos de um povo.

Selma Maria Kuasne
é poeta, artista plástica
e educadora paulistana.
A autora dos livros *Um
pequeno tratado de
brinquedos para
meninos quietos; Isso
Isso*; e *Um pequeno
tratado de brinquedos
para meninos quietos
da cidade*, publicados
pela Editora Peirópolis.

De Portugal, pelas palavras de
José Jorge Letria, vem a primeira es-
trofe que dá início ao diálogo sonoro,
com “Rimas de lá”:

E é agora a minha vez,
nesta soma de momentos,
de te perguntar, José:
e o Brasil dos monumentos?

O poeta brasileiro José Santos não silencia. Instigado pela provocação vinda de Portugal, responde em versos bem construídos no poema “Rimas de cá...”:

Eu começo por Brasília
a cidade-monumento,
mostrando que é possível
ter leveza, o cimento.

As igrejas de Ouro Preto
nossas joias da colônia.
E Manaus com sua ópera,
orgulho da Amazônia.

Olinda, um justo nome,
a brilhar sob o calor.
E o Rio, abraçado
pelo Cristo Redentor.

São obras de arquitetos
e muitos trabalhadores.
Me conte, caro José,
os nomes dos seus primores.


A peleja poética ganha fôlego. O poeta Letria restaura em versos a história esculpida nos monumentos, nas construções, nas pinturas, aproximando os leitores da cultura do país.

Há uma história a ser contada
em cada peça esculpida,
em cada tela pintada
com inspiração sentida.

Assim nasceram mosteiros
na Batalha e em Tomar
e a pintura de Grão Vasco,
de Amadeo ou de Pomar.

A grandeza dos Jerônimos
em estilo manuelino
deixou inscrita na pedra
a marca do nosso destino.

Rima vai e rima vem,
aqui estou eu a perguntar:
o que terias a dizer
se trocássemos de lugar?



No vai e vem de rimas, o poeta brasileiro José Santos entra no ritmo sonoro das palavras e escreve como se fosse um português ao amigo Letria.

Se eu virasse português,
ficaria rindo à toa.
Pois poderia morar
seja no Porto ou Lisboa.

Escreveria mais versos
pois a pátria é de poetas,
lia aqui todos os livros,
pedalava bicicletas.

Beijava os meus avós
lá no calor da cozinha
e me casava no Minho
com noiva bem ribeirinha.

Pois se fosse português,
eu assava uma sardinha
e falava sem parar
essa língua que é tão minha.

Querido amigo Letria,
nas rimas meu companheiro,
diga aí, como seria,
se acordasses brasileiro?

Agora é a vez de José Jorge Letria acordar em solo brasileiro. Lança mão do dizer poético e viaja por vários cantos do país.

Eis-me a bordo desse jogo
e dou comigo bandeirante
a tornar-me brasileiro
num garimpo apaixonante.

Aprenderia a distância
desse país-continente,
e entre o samba e o forró
seria minha a tua gente.

Seria talvez carioca,
talvez gaúcho ou mineiro,
Aleijadinho, Tiradentes,
com cavaquinho e pandeiro.

E assim me tornaria
neto do avô que já sou,
pátria imensa com asas
do futuro em que acordou.

E assim nasceria a ponte
que cruza ventos e mares,
feita de sons e afectos
ligando tantos lugares.

Conheça a vida e a obra dos dois amigos poetas

José Jorge Letria nasceu em Cascais, em 1951. Jornalista, poeta, dramaturgo, ficcionista e autor de vasta literatura para crianças e jovens. A sua obra literária foi distinguida com inúmeros prêmios: APE (conto e teatro), Prêmio Internacional Unesco (França), Prêmio Aula de Poesia de Barcelona, com o Prêmio Plural (México), o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (São Paulo), Prêmio Eça de Queirós – Município de Lisboa, Prêmio Ferreira de Castro de Literatura Infantil, Prêmio Nacional de Poesia Nuno Júdice, entre muitos outros.

■ Peleja poética invade a sala de aula

Professor, para o trabalho em sala de aula, um bom começo é preparar a leitura em voz alta – evocando os versos dos poemas “Rimas de cá” e “Rimas de lá...”¹ de maneira expressiva. Melhor ainda se a leitura for gravada: assim, a escuta repetida dos poemas possibilita a identificação dos recursos de linguagem, o jeito peculiar que cada poeta maneja as palavras, trazendo a história, a paisagem e a cultura do povo.

Chame a atenção para o efeito de sentido, o jogo de palavras, a boa amarração dos versos, as imagens visuais criadas pelos poetas ao contar como é esse lugar, despertando no leitor o desejo de conhecer o cenário retratado no poema.

Eu começo por Brasília
a cidade-monumento,
mostrando que é possível
ter leveza, o cimento.

1. Os poemas “Rimas de cá” e “Rimas de lá...” deram origem ao livro *Rimas de cá e rimas de lá...*, no prelo.

A grandeza dos Jerônimos
em estilo manuelino
deixou inscrita na pedra
a marca do nosso destino.

Pois se fosse português,
eu assava uma sardinha
e falava sem parar
essa língua que é tão minha.

Seria talvez carioca,
talvez gaúcho ou mineiro,
Aleijadinho, Tiradentes,
com cavaquinho e pandeiro.

O ritmo harmonioso dos poemas “Rimas de cá” e “Rimas de lá...”, a disputa entre dois amigos poetas por certo vão animar os estudantes a escrever poemas. Para que tenham o que dizer, o professor pode programar uma visita monitorada pela cidade para que possam observar, fazer anotações, fotografar, redescobrir as peculiaridades do lugar. Há praia, rio, nas proximidades? A cidade fica numa região rural, cercada de verde? Ou é um centro comercial com lojas, lanchonetes, supermercados e ruas movimentadas? O que há de pitoresco, marcante, no lugar: as ruas, os moradores, a feira do bairro, o vendedor de frutas, os cheiros, as cores, a praça da matriz, as árvores, o futebol dos meninos nas ruas de terra. Uma conversa sobre os registros realizados, a elaboração de listas do que foi observado, a identificação da sonoridade, do ritmo, da melodia, do sentido, da combinação harmoniosa das palavras, vão incentivar os alunos-poetas a ensaiar os primeiros versos, arriscar a escrita de um interessante desafio poético.

José Santos é mineiro de Santana do Deserto, onde nasceu em 1959. Vive em São Paulo desde 1991. Escreve livros para crianças e jovens, principalmente de poesia. Já publicou catorze livros, entre eles: *Rimas da floresta* (selecionado para o PNBE e PNLD); *Maluquices musicais e outros poemas* (selecionado em 2010 para a Bologna Children’s Books Fair); e *Crianças do Brasil – Suas histórias, seus brinquedos, seus sonhos* (selecionado para o PNBE-2010); além do livro-brinquedo *Poemas esparadrápicos*, com os Doutores da Alegria. Neto de portugueses, José tem uma forte relação com o país. Dessa paixão por Portugal surgiram vários projetos que começaram a virar livro a partir de 2010: *Viagem às terras de Portugal* (Peirópolis); *Quadrinhas para miúdos* (FTD).

Lendo (n)o mundo dos textos

Formas de ler e fazer os textos da
Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*

Luiz Percival Leme Britto

■ As leituras na vida

Houve um tempo, não muito distante (um século, talvez menos), em que para se viver na sociedade ler não era tão necessário. A vida cotidiana, os afazeres domésticos, o trabalho de ganhar o pão, transitar pelos espaços da cidade e do campo, divertir-se, informar-se, nada disso pedia a escrita, ou pedia muito pouco dela. Poucos, aliás, sabiam e podiam ler.

Hoje, não. Hoje, ler é imperativo de participação e aparece praticamente em todas as esferas e fazeres sociais. Lê-se para muitas coisas e lê-se de muitas formas. Lê-se para trabalhar, para transitar nos espaços urbanos, para cuidar de si, para divertir-se, participar de atividades sociais, informar-se, comunicar-se. E são atividades que, quanto mais automaticamente se fizer a leitura, melhor. Assim, a pessoa terá mais autonomia, ampliando as possibilidades de viver bem.

Contudo, há outras dimensões do ler que transcendem o pragmatismo do cotidiano e da vida prática. Leituras que se fazem para conhecimento, autoconhecimento, deleite existencial, crítica e compreensão da realidade, e indagação da existência. Leituras que não se impõe de imediato à pessoa e que, portanto, resultam de um gesto deliberativo de querer ler e fazer lendo.

Luiz Percival Leme Britto é doutor em linguística e professor da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).
e-mail: <luizpercival@hotmail.com>.



Dá para perceber que saber ler, e ler com constância, é importante em duas dimensões: seja para fazer as coisas básicas da vida moderna com independência e desenvoltura, seja para constituir-se como sujeito da cultura.

Assim, se, num momento de tempo livre, eu pego um livro de pintura renascentista e, lentamente, vou admirando as reproduções dos quadros, examinando seus detalhes e lendo os textos explicativos que os acompanham, faço isso pelo desejo de ver e compreender algumas das formas pelas quais o ser se percebe e se representa.

Ou, então, se para ocupar o tempo ocioso de espera no caminho do trabalho, escolho um romance para ler um pouco por dia e experimentar essa outra dimensão da vida que emana da história ali narrada, de seus personagens e episódios.

E se, no mesmo trajeto, ou em casa, ou no trabalho, na hora do café, do almoço, antes da janta, tomo um jornal ou uma revista e leio notícias, reportagens, análises, entrevistas, é porque quero entender o mundo em que me insiro, os movimentos políticos, as produções de cultura, o andamento da economia.

Mais: quem sabe eu seja do tipo sistemático que, buscando o aprimoramento pessoal ou espiritual, procure, em livros e revistas especializadas, algo que me ajude a pensar as formas de eu ser, de eu crer, de eu me relacionar com os outros e com o mundo e com a vida – leituras que faço num horário exato, em que me recolho e, diante do texto, penso e reflito.

E também aí estão incluídas, mesmo quando alguém decide pelo outro o texto e a forma de ler, as leituras de estudo – seja na escola, seja no trabalho, na igreja ou no sindicato. Agora, leio para aprender, com a disciplina e os cuidados necessários para que meu objetivo seja devidamente alcançado.

Os gêneros da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* se incluem na segunda dimensão: nós os lemos para conhecer e viver, para realizar ações intelectuais, para compreender as coisas do mundo e agir sobre ele e sobre nós mesmos.

Contudo, as leituras eletivas, isto é, aquelas que nos predispomos a fazer em função de um objetivo determinado, têm razões distintas, assim como distintas terão sido as motivações de quem escreveu os textos que se oferecem à leitura. E, claro, essas diferentes motivações determinam, por sua vez, diferentes posturas diante do texto e diferentes formas de organização do próprio texto. Disso resultam os gêneros.

Vamos ver como é isso examinando os gêneros da Olimpíada – poema, crônica, memórias literárias e artigo de opinião.

■ Poema

O poema é o mais livre dos quatro gêneros escolhidos, e também o mais delicado, sendo constantemente açoitado, por um lado, pelo pragmatismo contemporâneo, que deplora sua inutilidade prática, e, por outro, por um senso comum que a quer ver como veículo de mensagens e encômios em ocasiões festivas, comemorações, manifestações de afeto e apreço.

É certo que isso sempre ocorreu, mas também é certo que isso nunca fez a poesia nem lhe outorgou o lugar especial que tem na percepção – dolorosa ou prazenteira – da fragilidade e intensidade da vida. Intenso e compacto, o texto poético condensa, no trato inusitado das palavras, música e imagem, sem outra razão que seja reinventar as coisas desinventando-as com seu avesso, como sugere Manoel de Barros.

A poesia comporta o desdito, o contrário, o inédito, o indizível, o inaudível. Sua força é a novidade, não da notícia, mas da forma de perceber e (re)ordenar as coisas. Brincar com palavras, ver-seja José Paulo Paes, seria como brincar com bola, papagaio e pião, não fosse o particular que essas coisas gastam com o brincar e as palavras “quanto mais se brinca // com elas // mais novas ficam”.

Em sua busca pelo poético, Carlos Drummond de Andrade adverte-se de que não cabe buscar na poesia a palavra de ocasião, o verso do momento. “As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não contam.” Diante do poema, o leitor/ouvinte não tem

mais que “penetrar surdamente no reino das palavras” e, admirando(-se), buscar a chave que, diz-lhe a poesia, é ele quem traz.

Ana Elvira Gebara, examinando poemas da Olimpíada de 2010, observa que “o risco de dar ao poema uma função utilitária – como a de vender uma imagem de cidade bem-sucedida ou de pessoas de bem – é o de evitar exatamente o que é inescapável no fazer poético: ‘lutar com palavras’, envolver-se na luta mais vã, como nos dizia Drummond”.

Daí a importância de, na experiência estética com a poesia – lendo ou inventando versos –, tratar de permitir o lúdico, o gratuito e a expressividade.

■ Memórias literárias

Quem escreve memórias? A Emília tratou de escrever as suas fazendo das suas. Muitas adolescentes, de certa forma, põem suas memórias no papel, ao seu modo, em suas agendas. E escritores escrevem memórias,



como Neruda, com seu *Confesso que vivi*. Personalidades também têm as memórias narradas, escritas por elas ou contadas para profissionais da palavra. E há ainda as pessoas inventadas por escritores, como Bento Santiago (narrador-personagem de Machado de Assis), que busca, em suas memórias casmurras, atar as duas pontas da vida e entender na velhice a adolescência. E ainda há memórias de povos sem escrita, contadas por seus anciãos, memórias de nações modernas, registradas por historiadores.

A verdade é que sempre temos uma boa razão para contar e contar-nos: pode ser a necessidade de entender ou de justificar algo que fizemos (ou que deixamos de fazer, ou que gostaríamos de ter feito); pode ser a vontade de levar alguém a pensar que tal coisa ou pessoa é assim ou assado; pode ser para fazer a vida permanecer no tempo que a consome.

O certo é que o registro da memória é importante para compreendermos a vida e as relações humanas, para nos percebermos com relação a nós mesmo e aos outros ou, ainda, para imprimirmos à vida narrada um olhar particular. Por isso estamos sempre contando histórias – vividas, testemunhadas ou inventadas.

De certa forma, o que muda entre o registro histórico e a ficção é a admissão de que os fatos da história aconteceram efetivamente, enquanto os fatos das histórias inventadas poderiam (ter acontecido). Para o pensador grego Aristóteles o historiador e o poeta diferem entre si porque um escreve o que aconteceu e o outro, o que poderia ter acontecido.

Assim, o filósofo considera o poema de caráter mais elevado que a história, porque permanece no universal, enquanto a história estuda o particular. O universal seria aquilo que uma determinada categoria de homens diz ou faz em circunstâncias específicas, segundo o verossímil ou o necessário.

Em termos gerais, podemos dizer que aquilo que Aristóteles chama de história corresponderia, nos dias de hoje, ao registro de acontecimentos efetivamente ocorridos e, por isso, únicos e irrepetíveis (a ciência histórica, o jornalismo); a poesia corresponderia à narrativa ficcional (o romance, o conto). Se história tem por finalidade o registro fatural, comprometida com a narração do fato tal como ocorreu e de nenhum outro modo (deixemos de lado o problema das interpretações e versões), a literatura quer imaginar como seria a vida sem compromisso com o relato fidedigno do acontecimento. Por isso, ela é verossímil, isto é, constrói situações que representam aquelas efetivamente vividas ou que poderiam ser vividas, neste mundo ou em mundos imaginários.

E que dizer de memórias literárias, a que se propõem na Olimpíada de Língua Portuguesa? Sendo o produto de relatos verdadeiros, elas são história; enquanto uma intervenção do autor sobre aquilo que lhe contou o depoente, elas são poema. Conforme explica Elizabeth Marchuschi no texto em que apresenta uma análise de memórias literárias produzidas na Olimpíada de 2010, elas se caracterizam como “um gênero literário que se distingue do de outras esferas por uma certa transgressão do real, por um olhar próprio e reflexivo para os acontecimentos históricos e sociais, pelo uso mais intenso de recursos estilísticos de linguagem, pela aspiração de provocar, no leitor, experiências estéticas, éticas, ideológicas etc.”

Trata-se, portanto, de um duplo convite: o de conhecer fragmentos das histórias locais, narradas por pessoas significativas para a comunidade, e de, ao mesmo tempo, projetar-se nesses relatos, fazendo-os seus, assumindo a posição de narrador e, sem trair o que o outro disse, dizer mais pelas entrelinhas e pelo estilo.



De certa forma, é assim que compreendemos as memórias alheias: fazendo-as também memórias nossas.

■ Crônica

Chronos, o Senhor do Tempo, come todas as coisas. A crônica, registro ligeiro de acontecimentos, busca, ao seu modo, fazer com que elas permaneçam, nem que seja por enquanto.

São muitas as crônicas. Há a crônica política, esportiva, policial... A crônica vem de longe e se espalhou com a imprensa por todos os cantos e temas. A crônica fugiu do papel e encontrou um novo e grande espaço na web, em blogs de todo tipo e de toda gente. Mas guardou desde a origem a vocação para a fabulação: cronicar é pegar o fato, não importa se insignificante ou grandioso, e vê-lo assim de pertinho, singular, particular, único – mesmo que universal, dizendo dele o que um tem de dizer.

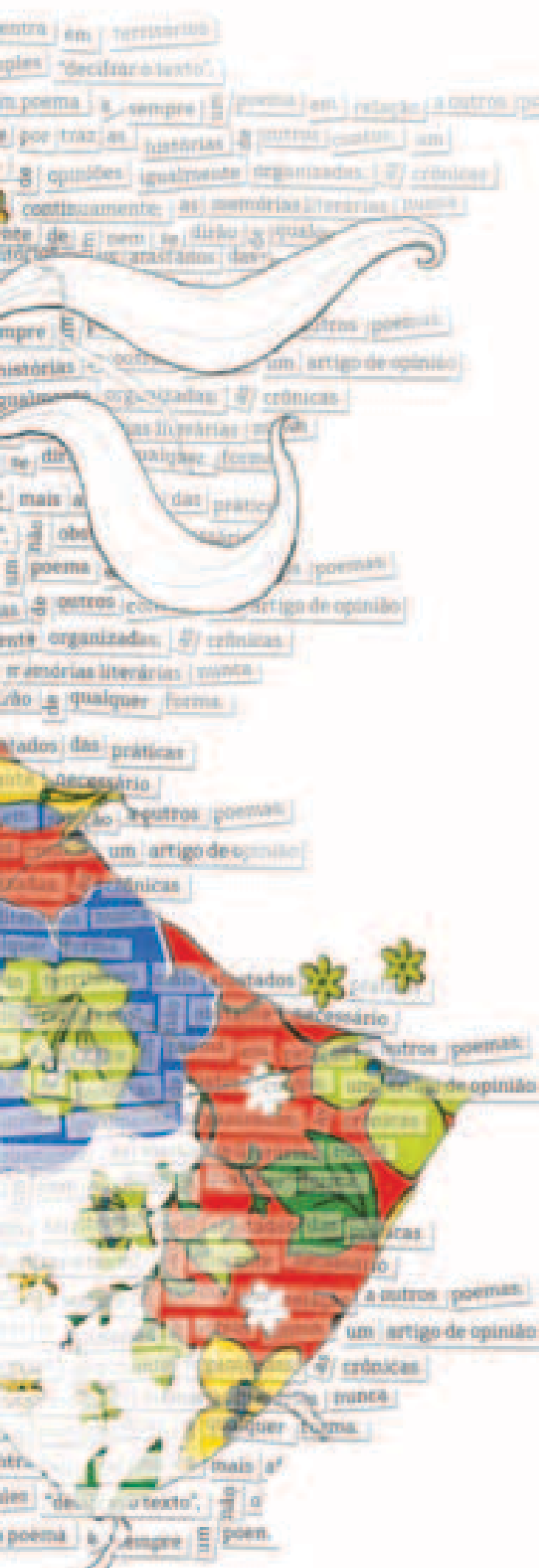
Porém, a crônica não é história nem pode querer ser, ainda que sempre traga uma. Isso porque, mais que registrar o acontecimento (como faz a notícia), ela trata de enviesá-lo, apresentando a percepção particular de quem o viu e agora o aponta. O cronista é antes de tudo um comentarista do mundo, grande e pequeno, que habita.

Se a crônica não é a notícia, tampouco é o conto (para comparar com outro gênero narrativo ligeiro): nela não importa o “desfecho” nem há a necessidade de uma “intriga”, isto é, de um fato original que motive a narrativa; tampouco importam tempo e espaço narrativos. O que vale é o comentário, que pode ser assim mesmo comentado ou vir implícito na forma como se apresenta o acontecido; aliás, ela pode até ser uma simples descrição (nesse caso, o que se narra é a percepção do autor de um objeto ou pessoa). O cronista é um fotógrafo de instantâneos.

Nesse contar e comentar, o autor, como Ariadne¹, vai tecendo tramas inusitadas;

1. Ariadne é um personagem da mitologia grega – filha de Minos, rei de Creta, e de Pasífae – que ajudou Teseu a sair do labirinto, após ter matado o Minotauro.





sem dúvida, mesmo que o negue, ele deseja enredar o leitor, fazendo-o ver de outro modo algo que provavelmente já conhecia; afinal, os fatos são simples e se repetem e repetem na vida comum. E como já não há compromisso fatural – não estou aí para documentar nada, dirá o cronista – a coisa evolui num prosear solto, de quem se permite (aparentemente) dizer sem precisar provar ou demonstrar coisa nenhuma. Vale mais é pôr no caso novas tintas, novos focos, reperspectivando o olhar. Daí a importância do tratamento que se dá ao texto, as escolhas lexicais, o ritmo e a sequência da exposição, o jogo de imagens. O cronista é pintor de aquarela.

O leitor sabe disso. Assim, quando se dá o prazer de ler uma crônica, não espera encontrar aí as últimas e fatais notícias que abalam o mundo, tampouco imagina sair da leitura mais instruído ou o mais sabedor do universo. Espera apenas ter partilhado, no lapso da vida, de um sentimento inusitado, de uma percepção aguda e particular do comum da existência, uma indignação, um deboche, uma comisseração com qualquer coisa de único. Ou até menos: apenas um ver, com descontração e empatia, o brilho do sol na janela de casa, a mãe atravessando a rua com sua pequena filha, a sambista na avenida, a bola caprichosa fugindo do gol ou da mão do goleiro.

Ler crônica é entrar na barriga de Chronos e sentir as côcegas do tempo.

■ Artigo de opinião

Em tempos de agora há que dizer e mostrar por quê. Sim, dizemos narrando, cronicando, comentando... E cada uma dessas formas tem suas motivações e espaços e efeitos e consequências. Uma simples frase de uma personalidade numa entrevista pode impactar enormemente a opinião pública, mudar o rumo da bolsa, o resultado de uma eleição; um pequeno texto postado numa rede social pode correr o mundo, mexer com as coisas.

Nesses casos, é o papel social do político ou do artista ou do esportista que garante o

efeito do dito, sem que seja necessária nenhuma explicação ou demonstração. No caso de *posts* nas redes, é a própria opinião pública e a ideia já consolidada (assim como a ação das agências de notícia, quando de seu interesse) que determinam o alcance e a força do dito.

Mas, além disso, há formas mais articuladas de representar e pôr em circulação para debate e formação de opinião. Os livros fazem isso; também teses e dissertações acadêmicas e documentos de Estado ou de empresas, sindicatos e organizações sociais; e ainda os jornais e as revistas.

Nesses casos, espera-se que o texto traga, com relação ao tema de que trata, um arrazoado, com dados, fatos e argumentos que demonstrem, pela perspectiva dos autores, a pertinência de seu posicionamento, o valor das ideias que defendem.

Entre os gêneros de circulação pública está o artigo de opinião, texto em que buscamos intervir com a finalidade de fazer valer uma ideia ou uma opinião relativamente a um tema de interesse social. Trata-se de um gênero nascido no universo da mídia impressa para incorporar, ao lado dos textos de articulistas e do editorial, os pontos de vista, percepções e contribuições da opinião pública. É um gênero relativamente leve, em que o autor (normalmente uma pessoa com representatividade no campo social pertinente ao tema sobre o qual escreve) apresenta, no espaço aproximado de três a cinco páginas (às vezes menos), sua análise e posicionamento. Em certas circunstâncias especiais, o artigo de opinião pode ser um depoimento oral editado pelos jornalistas responsáveis.

Esse gênero ganhou muita relevância no espaço social e se impôs como um modelo importante de participação no debate público de temas significativos para a sociedade – no âmbito da política, da cultura, da moralidade, do comportamento, da saúde, da ordem social. E novos espaços aparecem com a possibilidade de publicações locais e da divulgação na web, seja em blogs, seja nas redes sociais, seja por *e-mail*. Daí seu expressivo valor para todos aqueles que buscam afirmar-se como cidadãos de direito e pessoas que querem fazer e acontecer.

O artigo de opinião é, sem dúvida, um texto persuasivo (como pode ser uma carta argumentativa ou uma crônica ou um comentário), mas com o princípio de que a persuasão resulta da exposição, e não de outros artifícios discursivos. Aqui, diferentemente do que ocorre na crônica ou no comentário, espera-se que o autor não apenas afirme seu ponto de vista, mas que o faça considerando os outros pontos de vista sobre o mesmo tema, expondo argumentos capazes de lhe dar consistência e pertinência. Em casos muito polêmicos, o argumento deve incluir a réplica a textos com opiniões díspares. De todo modo, supõe-se que a apresentação seja razoavelmente objetiva (o que não significa a obrigatoriedade de escrever em terceira pessoa) e com uma ordem tal que o raciocínio possa ser devidamente compreendido.

Saber ler esse gênero implica saber acompanhar raciocínios formais escritos e encontrar o eixo argumentativo, de forma a verificar o fundamento adotado pelo autor e escapar das armadilhas discursivas. E para



isso há que ler, estudar e indagar muito, e pesquisar e participar.

Para dar opiniões consistentes, é preciso conhecer o assunto, saber o que pensam os outros e as formas como pensam. Assim, minha opinião não será apenas um *eu acho que*.

■ Por fim: leitura para além do cotidiano

O que é preciso, enfim, para ler? Que coisas a pessoa tem mesmo de saber?

Por certo, tem de saber as letras, seus valores sonoros e combinações possíveis; é óbvio conhecer a língua em que o texto está escrito – de nada adiantaria enunciar um texto em russo, mesmo sabendo verbalizar o escrito, se não conhecer a língua.

Mas, além disso, para ler com desenvoltura e encontrar sentido no texto, temos de saber das coisas que ali se apresentam e as formas como o texto se desenvolve. Isso é mais simples quando o escrito remete para assuntos imediatos da vida comum, posto

que os conteúdos referenciais são já bem sabidos e usados. Ler aí é quase ouvir, bastando a capacidade de decifração.

Contudo, quando se entra em territórios mais afastados das práticas cotidianas, o simples “decifrar o texto”, não obstante necessário, já não é suficiente. Um poema é sempre um poema em relação a outros poemas; um conto tem sempre por trás as histórias de outros contos; um artigo de opinião ganha sentido num jogo de opiniões igualmente organizadas; as crônicas conversam entre si continuamente; as memórias literárias nunca serão somente de um nem se dirão de qualquer forma.

Agora, ler é fazer, dentro do que Haqira Osakabe² chamava de o mundo da escrita – lugar de produção intelectual em que predominam conhecimentos e formas cuja organização supõe relações mais tensas e definidas, implicando aprendizagens e saberes específicos, distantes daqueles que adquirimos nas relações imediatas da vida comum. A leitura é participar desse mundo de textos, composto por referenciais, jogos e estratégias de apresentação definidos em função dos próprios textos.

Não se está querendo sugerir que as atividades com leitura centradas no cotidiano não sejam importantes; não há nenhum fosso separando as esferas da vida nem cercas intransponíveis. O que se afirma é que, para inserir-se no universo de cultura mediado pelos textos escritos, a pessoa precisa manipular constantemente esses gêneros, experimentá-los de muitas formas. Se ler é mais que um fazer mecânico, só se aprende a ler convivendo com os objetos cuja inteligência transcende tanto a experiência imediata quanto os modos de vida cotidiana e do senso comum.

Então, vamos ler os gêneros da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* com o desejo de entrar no reino do poético, no mundo das crônicas, no universo das memórias, na assembleia das ideias.

2. Doutor em linguística e professor associado da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).



Chegou a hora dessa gente mostrar seu valor

Após muito trabalho dos estudantes e professores de todo o Brasil, vamos escolher e enviar o texto vencedor de cada categoria para a etapa municipal.

O diretor irá formar e presidir a Comissão Julgadora Escolar, convidando professores de língua portuguesa e representantes da comunidade.

Diretor, toda escola pode participar da Olimpíada. Garanta sua participação, enviando os textos selecionados para a Comissão Julgadora Municipal.

O Brasil quer conhecer o que pensa e escreve sua juventude.

< www.escrevendoofuturo.org.br >

Parceria



TODOS PELA EDUCAÇÃO



Coordenação
Técnica



Iniciativa

